

ASSIGNATURAS	
ANNO.....	20\$000
SEMESTRE..	12\$000
Numero avulso, 500 rs.	

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
25, RUA DE S. JOSÉ, 25
—
APARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Era indispensavel deslumbrar a imaginação nacional, fortemente contundida pelo pavoroso desastre do *Aquidaban*, fulminado nas verdes aguas de Jacuacanga. E, como o Governo não tem entranhas, não chora, não desce ao ridiculo de lamentações inuteis, decretou lucto official, exequias sagradas para traduzirem com pompas reaes toda a intensidade da dôr official pela perda dos marinheiros roubados á patria no posto de honra.

Não diremos *amen* aos protestos do sr. Andrade Figueira, que anda cavando material de opposição no caminho do Governo, quer este ande pela via larga e luminosa das orientações patrioticas, quer se embrenhe nas veredas accidentadas, nos atalhos escuros da politica, os quaes nem sempre são o caminho mais curto para atingir ao fim alvejado. Pensamos que o Governo procedeu acertadamente, decretando aquellas pompas discretas para robustecerem na imaginação do alto functionalismo da Republica os impulsos de civismo, e demonstrar com brilho extraordinario a gratidão publica pelo sacrificio ao dever.

Essas catastrophes, essas explosões de fatalidade cutilam com estranha violencia a imaginação do povo, abrem nelle um fundo sulco de magua, produzem vibrações perigosas: dahi, a urgencia de uma reacção consoladora, o appello á intervenção divina, á religião, fonte da suprema esperanza, refugio dos desesperados; dahi, essa encenação da gloria em apotheoses aos herões mortos, sepultados no bôjo d'aço do couraçado transformado em tumulo batavo.

O Governo sabe que os seus subditos são fetichistas, são, como todos os homens ainda não libertados da crosta da barbaria, ornamentaes, apaixonados pelo colorido quente das

plumas dos cocares, pelas rutilantes facetas das missangas, pela pittoresca harmonia dos ruidos, pelas vózes das selvas mysteriosas, pelo cantico das aves, por tudo o que echôa e detona, desde os tons asperos dos maracás monotonos até aos ribombos do canhão vomitando trovões e coriscos. A arte e a força, nas suas manifestações rudimentares, como nos requintes da industria e da sciencia, collaboram através dos seculos no aperfeiçoamento do instincto de ornamentação para impressionarem os sentidos do homem, mantel-os em permanente erecção, multiplicando os instrumentos de accesso á imaginação e inventando novos meios de evidencia das idéas.

A musica é o ruido organizado. O som cavo de um tronco carcomido gerou ozabumba, representando, ainda hoje, nos cordões tresloucados, nos *Zéperivas* que tanto encantaram os cariócas, na crise carnavalesca, o barulho ancestral que foi o encanto dos nossos avós macacos. A clarineta é neta da gaita. O clarim é descendente legitimo da buzina. A lyra de Orpheu, divino instrumento que hypnotisára deuses olympicos, animaes ferózes, e partia de commoção as rochas durissimas, seria para os nossos educados ouvidos uma insupportavel estopada. A flauta de Pan faria dormir de pé o mais fanatisado *virtuose*. Mas a arte foi assimilando esses detestaveis ruidos ás modulações da alegria, da magua, da colera, da vingança, do medo, do amor; traduziu idyllios e desastres em canticos venturosos, em canções guerreiras, em alegrias lamentôsas, em hymnos de victoria.

Pelo mesmo processo, o canhão atoador é filho da flecha silenciosa, cujo helice de pennas macias foi reproduzido nas estrias d'aço raiadas como elemento de perfeição da trajetoria para certeza do effeito mortifero.

Charanga e artilharia são hoje os

instrumentos mais commovedores dos povos cultos e incultos em todos os seus estados d'alma.

Animal ornamental, o homem enfeita a sua dôr como enfeita a mulher querida. O lucto é um ornamento, tem os seus brocados, as suas joias, a sua etiqueta protocollada em graves artigos de lei sancionada por unanime convenção dos povos. De outro modo, seriam cruelmente absurdas as pompas funebres.

Unico animal que se esconde para amar, o homem adorna com escandalo o objecto do seu amor pelo instincto ornamental de suscitar inveja, de exhibir a intensidade de sua paixão, do seu gozo. Era natural que se escondesse para chorar, para soffrer; mas aquelle mesmo instincto o impelle para as lamentações inuteis, em prosa e verso; as suas lagrimas se crystallizam em vibrantes notas de musica. Elle se cobre de preto, sinceramente ou hypocritamente; reveste as sumptuosas galas do lucto, para que todo o mundo se persuada de que elle está todo soffrendo. E como o adorno é uma das mais genuinas manifestações do egoismo, elle exige que a sua dôr se transmita aos congeneres pelo contagio, pela impressão dos symbolos mortuarios, das exhibições de tristeza, da mesma fórmula que as suas alegrias e gozos, — forçando phenomenos de communicacão que se expandem e engrossam na razão directa das massas, empolgando-lhes a imaginação.

As pompas fôram sempre effcaz apparelho de governo dos povos.

Convencido dessa psychologia, não censuramos o governo leigo por ter ido á cathedral honrar a memoria dos mortos no desastre do *Aquidaban*, nem por ter despendido, sob sua piedosa responsabilidade, algumas duzias de contos de réis nas pompas funebres. Os rigores das verbas orçamentarias sómente tem applicação aos credores do Estado.

Quando emergem interesses superiores, como esse de orçamentar os nossos vibranteis botucudos com deslumbrantes cortezias á dôr alheia, com a purpura cardinalicia, o Governo deve ter mãos rotas, muito mais rotas do que quando surge a maçada imperiosa da obrigação de soccorrer ás viuvas dos mortos no arduo dever patriótico, aos orphanados pelo desastre. Satisfeita a gratidão official aos mortos, a gratidão publica virá depois, por um generoso impulso, alliviar o infortunio dos vivos.

* *

A catastrophe do *Aquidaban* é uma prova do poder impressivo dos factos inesperados, repentinos, que teem o effeito contundente das explosões aterradoras. Allí a perda de mortos illustres foi aggravada pela perda material de um contração destruido. Outra seria a impressão, si elles não morressem de subito, conjunctamente, do mesmo golpe terrível da fatalidade, porque os desastres prolongados não actnam sobre a imaginação do povo, nem sobre a imaginação do Governo, que o representa, produzam embóra o sacrificio inutil de milhares de vidas, e inestimaveis prejuizos materiaes.

Nós temos uma flagrante prova dessa verdade; temos um desastre que dura cerca de dois annos, consumindo, poremperrada incuria do Governo, milhares de vidas inutilmente, friamente sacrificadas, soldados que vão morrendo aos poucos, numa lenta tortura, devorados pela malaria, asphyxiados pelo beri-beri num supplicio dantesco, ante o que a morte em combate, a surpresa da morte, seria mil vezes preferivel; temos batalhões dizimados, cujos reziduos infórmes, opilados, engordados de edemas, desapparecem na solidão de ribas ignoradas, estruando o paúl mortifero, ou se dispersam pelas enfermarias, onde os obitos se registam, caladamente, em cifras collóssaes. E ninguem se impressiona com essa hecatombe a retalho, hecatombe sem ruido, sem fragores explosivos e, por isso, indigna das compensações honrosas do lucto publico, do esplendor das pompas officiaes.

Ao Governo não occorreu a piedosa idéa de mandar rezar uma simples

missa burgueza pela *alma* desses outros heróes sacrificados á fatalidade dos erros administrativos, mortos no posto de honra, no cumprimento do dever civico, com a mesma sublime abnegação patriótica das victimas do desastre do *Aquidaban*.

POJUCAN.

O SR. SYLVIO ROMÉRO termina, com o seguinte artigo, o formidavel exame a que submetteu, sem interrupção, desde o n. 54 desta revista, a *America Latina*, do sr. Manoel Bomfim. Este nosso prezado collaborador e amigo, em cuja isenção de animo muito confiamos, está certo de que os *Annaes* acolheram os artigos sobre seu livro porque os *Annaes* não participam, em principio, da responsabilidade dos seus collaboradores — sobretudo quando se trate de homens como o eminente auctor da critica, que bem dispensaria a sociedade si nós a quizeramos. E' verdade que os habitos da nossa imprensa não são esses... Entre nós, um collaborador de um jornal ou de uma revista não pôde discutir com outro nesse mesmo jornal, nessa mesma revista: um não pôde escrever contra o outro ainda que, como agóra, o ataque nada tenha de pessoal.

Nós, ao contrario, não praticamos assim. Vamos mais longe: quem percorrer as nossas collecções verificará que pessôas, por cujos olhos nem vivemos nem morremos de amores, teem recebido, nestas columnas, os louvores que merecem.

Um pouco adeante, o leitor váe ler, numa interessante *Epistola vária*, uma referencia ao sr. Sylvio. Ella não infringe o programma dos *Annaes* — porque achamos que, ainda de leve, o nosso notavel collaborador não lhe descobrirá uma inteução soez, ou, siquer, uma inteução de menoscabo.

Uma supposta theoria nova da historia latino-americana

Poderia, si não fôsse o receio de protraír por muito tempo a terminação deste estudo, discutir grande porção de questões aventadas na *America Latina*, todas mal solvidas pelo auctor. Não o farei.

Deixo tambem de enumerar grande copia de erros de ordem secundaria, erros de minucias, que afeiam o livro.

Um destes, por exemplo, é dizer, na pag. 157: «Os hollandezes tomaram a Bahia, e fôram senhores de Pernambuco por *quatorze annos*.»

Dizem que o sr. Manoel Bomfim váe ser nomeado *Director geral da Instrucção Publica do Districto Federal*, cargo que anda agóra a exercer interinamente.

Sabe-se mais que é ou tem sido *director* dessa casa de gastos inuteis, chamada *Pedagogium*.

Pois bem: aviso ás alumnas das mais elementares escolas primarias que o chamem a contas por esse erro de palmatoria, — de *terem sido os hollandezes senhores de Pernambuco quatorze annos*, quando fôram 24, quasi o dobro!

Até o meu boçal empregado Antonio Piragibe sabe que os batavos estiveram alli de 1630 a 1654.

Outro caso. No final duma pagina grosseirissima ácerca de José Bonifacio (Pag. 259 a 260), occorrem estas palavras: «Não admira, nem mesmo o ver surgir no governo do Brazil independente, homens como esse *Villela Barbosa*, que alguns annos antes confessava—*ter vergonha de haver nascido no Brazil*, e jurava, *com o rosto ainda turgido da bofetada de Barata*, jurava e promettia, nas côrtes portuguezas, atravessar o Atlantico, etc.»

Este trecho contém dois erros: primeiramente, o nome do velho homem de Estado não é *Villela* e sim *Vilella*, que é como se escreve, e, depois, não foi no distincto *marquez de Paranaguá* (1.º do nome) que o trefego, irriquieto e mediocre Candido José Barata de Almeida se atracou numa das escadas do palacio das côrtes e sim com o marechal José P. Pinto da França, como consta das *Memorias do visconde de S. Leopoldo*. Consulte o Vieira Fazenda, meu caro Bomfim.

Barata nunca tocou com um dedo siquer em Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaguá, auctor d'*A Primavera*.

O modo como o sr. Manoel Bomfim escreve erradamente o nome—*Vilella*, no que aliás não anda só entre a litteratada do Rio de Janeiro, leva-me a tratar do seu estylo e da sua linguagem. (1)

A questão do estylo é a mais desastradamente apreciada na litteratura brasileira.

A mais elementar verdade existente em todo o mundo ácerca dessa qualidade litteraria e artistica denominada *estylo*, é que sua primeira qualidade é a *personalidade*. Cada escriptor, cada artista deve ter sua tonalidade, sua vibração propria.

Pretender, portanto, como se faz ahí a cada passo, lavrar um *canon*, uma regra, uma norma, u'a medida, um feitio geral para todos os estylos, para o modo de escrever, pintar, musicar, orar, fazer architectura ou estatuaria, de todos os escriptores, poetas e artistas, é o cumulo da insensatez.

E é o que andam a fazer ahí todos os dias certos sujeitos que se arrogaram o direito de dirigir as coisas litterarias e artisticas nesta desventurada Beocia.

E si algumas e determinadas qualidades se houvessem de exigir no estylo, para o tornar mais distincto,

como regra geral, deveriam, além da personalidade, ser — a clareza, a sobriedade, a propriedade, a completa equação entre o pensamento e sua expressão, a naturalidade, — o movimento, o *rhythmo*.

No Brazil, na phase romantica, e das escolas que se lhe seguiram, — naturalista, parnasiana e nephelibata, entendeu-se sempre o contrario, com honrosas excepções.

O emprego de palavras, exquisitas por qualquer titulo, a pretensão de riqueza de vocabulario, a preocupação de brilho, de colorido, degenerada quasi sempre em affectação de máu gosto, a queda para o empathico, o rebuscado, o abuso de metaphoras ouzadas, de tropos inesperados, descambando, não raro, para o *amphigouri*, eis as excellencias estylisticas do geral dos escriptores.

Quem não veste estes trajos de mascarados e não põe estes guizos não sabe escrever nem falar, não é escriptor nem orador.

Agóra, recentemente, deram em exhibir uns arremedilhos de classicismo, uns arrebiques de 1500 e 1600, que são mui do gosto corrente. Quem não se adereça com essas fitas e galões, é selvagem, não sabe *vernaculo*, não sabe se exprimir em *vulgar*.

E' uma corja; e difficil é resistir a esse bando de malfeitores do bom senso e bom gosto.

O sr. Manoel Bomfim escreveu *A America Latina* para tomar posto no grupo; mas, — coitado! — foi tão infeliz que o mandaram voltar a proseguir nos preparatorios, taes e tantos são os erros de linguagem que pezam nas paginas do livro.

Ao correr da leitura — meu lapis marcou diversos, que vou mostrar.

Antes de tudo, neste sentido, nesta questão da fórma, do estylo, releva ponderar que o medico sergipano tem pretensões a lyrico e forceja por agarrar figuras novas; mas quasi sempre empolga sómente megeras. Tem-se pena do esforço do jovem psychologo; apparece suado, luctando pela expressão *torturada*, quando mais facil, mais normal, mais hygienica seria a expressão simples e natural. Os dizeres improprios, inadequados, surgem ás duzias.

Na furia do lyrismo, teima, por exemplo, descrever uma *tempestade*, que compara ás *luctas sociaes* e escreve phrases destas:

«Em torno, a vaga ruge, salta... mordendo aqui a *trama aspera do gneiss*, lambendo alli a *areia fatigada*.. Agóra apparece um *retalho de lenho*». (Pag. 389.)

Trama aspero do gneiss, areia fatigada, retalho de lenho... são modos de falar pretenciosos, improprios e inadequados.

Antes de proseguir por este caminho, convém dar larga amostra do estylo do director do *Petalogium*, (E' este o verdadeiro nome do faunigerado *Pedagogium*), quando se quer fazer poeta, descriptivo e lyrico.

Sirva, para o caso, a curiosa *surra de bôlos* nos engenhos do norte.

E' esta: «Em toda a (Este a é demais) Em toda a fazenda, havia um quarto, — uma prisão, *apparelhado* (A prisão ou o quarto? devia ser a prisão) com dois ou tres troncos, gargalheiras, cepos, correntes... Alli *apodreciam*, invariavelmente, (*Colloca quasi sempre os adverbios entre virgulas*; não se sabe porque...), um ou dois negros. Pela mauiã, ao tempo em que se *marcavam* as tarefas aos outros escravos, esses que no quarto do tronco *expiavam* o crime de haver fugido ao trabalho devorador — (Em vez de uma *virgula* põe um *traço*) — esses *recebiam* a refeição quotidiana, de bolos ou açoites, quatro ou cinco duzias, *applicadas* com todo o requinte *sobre as carnes* (Devia ser nas carnes) doloridas, *inflammadas*, seusiveis como uma chaga muitas vezes *maguada e renovada* (E' muita *ada* junta). *Levantava-se o desgraçado*, bambas as pernas pela abstinencia, tropegas, *adormentadas*, da posição contrafeita e dolorosa no tronco, *pisados* os musculos, *emaciado* o rosto, *apagados* os olhos pelo soffrer *accumulado* (E' muito *ado* junto); as mãos *inchadas* não se *fecham* (Muda, sem motivo, o tempo do verbo), turgidas, luzentes; a sanie *transuda* por entre os dedos abertos; a pelle *rachou* (Passa sem mais nem menos para outro tempo do verbo) desde os primeiros dias; as uilhas *já caíram*; as costas *estão* (Muda de novo sem razão o tempo do verbo) em carne viva... O miseravel num desvario de bruto, *estende* a mão ao executor. Cae o primeiro bolo, sôa um grito, uivo e lamento, gemido violento de todas as dôres que acordam. E os golpes se repetem: é um — *Ai!* *Ai!* contínuo, como uma vida que se esfrangalha (*Tão sem graça!*...), uma alma que se esgota. O lamento desesperado passa travando os corações, num *accento* de miseria que traspassa os animos; envenena, hallucina... Um espirito justo, a ouvir aquelle grito cinco minutos enlouqueceria. »

E' a rhetorica réles, amaneirada de todos os escriptoressem vocação. Apprecie quem quizer; não lhe acho graça.

Não é, porém, só essa inhabilidade de artista que busca modelar um estylo sobre especimens despreziveis e de máu gosto, que devo assignalar. Existe no livro coisa muito mais grave:—erros de linguagem, de grammatica, reclamadores de *bôlos*, como os da *surra*.

Notem estes:

Pag. VII — «*expontaneamente*». Vê-se que não é lapso typographico, porque se repete na pag. 35. Bomfim não sabe latim: do contrario, fugiria horrorisado daquelle *x*.

Pag. 6 — «não ha individuo menos *possuido de espirito* militar que o caudilho». Aquelle *possuido de espirito* é puro gallicismo.

Pag. 15 — «Ella nos embaraça de toda a *sorte* de embaraços». *Sorte* ahi não é portuguez; é gallicismo escusado.

Pag. 27 — «E' tão perfeita a larva do *Chondracanthus*, que os naturalistas tiveram de reconhecer que não se tratava de uma larva de verme; *breve*, reconheceram tambem, etc.» Este *breve* não é lição admissivel em vulgar.

Pag. 38 — «*Spartiatas*». Creio que se queria referir aos espartanos.

Pag. 47 — «...quadro *ligeiro*». *Ligeiro* em vez de *leve*, *superficial*, é gallicismo indecoroso.

Pag. 47 — «*alternaturas*—». Não sei o que seja, nem o leitor o sabe tampouco.

Pag. 67—... «com exclamações que respondiam, *justas*, áquellas secretas esperanças». Aquelle *respondiam, justas* — é tambem falar francez; não é nosso.

Pag. 101 — «Tudo servia, que pudesse pagar esse luxo». Está nas mesmas condições.

Pag. 113 — .. «e as varias *sortes* de instrumentos». *Sortes* ainda uma vez em sentido errado.

Pag. 128 — «Fazendas, explorações *MINEREAS*, havia aonde os escravos se contavam por milhares...» Aqui o erro é horroroso. Apezar de medico, apezar de dever ter estudado algo de mineralogia e geologia, Manoel Bomfim — ainda não sabe o que é *minereo* ou *minerio*; faz deste substantivo um adjectivo, que confunde com *mineiro* e *mineral*. Bomfim inventou o adjectivo *minereo*, *minerea*.

E' uma graça ouvi-lo a falar nas explorações *minereas*, nas *terras mineareas*, nas *riquezas minereas*.

E' para fazer estylo; acha *mineiro* e *mineral* muito vulgar...

Esta pandega apparece em varios pontos do livro; é disto exemplo, além da pag. citada, a pag. 152, onde se lê: «... os feudos, representados nas fazendas e *dominios minerios*; a escravidão, na escravaria ignara, etc.» Coitado!

Pag. 137 — «... sem outras despesas, sem onus, sem cansaço de nenhuma *sorte*. *Breve*, a metropole reconheceu. . .»

Erros já notados, que se repetem ás duzias: o *breve* no sentido de—*em summa*, *por fim*, *finalmente*, *emfim*, e a *sorte*, no significado de *genero*, *especie*, *casta*, *qualidade*, etc.

Pag. 145 — «.. a metropole não tem outros intentos sinão cobrar os tributos e impedir que as colonias possam furtar-se a não nos pagar.»

Bomfim queria dizer—que as colonias possam furtar-se a pagar, e escreveu o inverso. Elle pensa que se póde dizer impedir de não fazer, de não furtar, etc.

Este erro é grosseirissimo e apparece varias vezes no livro.

Pag. 345 — «Será uma resistencia desorganizada, muitas vezes, mas por isto mesmo, permanente, irreductivel, garantida pelas condições geraes da vida, mais propicias do que não eram as dos portuguezes e hespanhoes...» O mesmo erro.

Pag. 374 «.. hoje, bem mais proximas de um estado de organização regular do que não estavam a cinquenta annos.»

Aqui, alem do não de mais, existe aquelle a em vez de ha.

Pag. 410 — «.. nem o meio social não poderia ser um entre cruzamento de vontades arbitrarias.»

Tudo está a mostrar a impericia com que o sr. Bomfim maneja esse bello apparatus que é a lingua portugueza.

Pag. 164. «Um passado todo inteiro contribuiu para fórmal-a»

Falar francez.

Pag. 164 — «... a sua intelligencia se fórmal-se e desenvolve-se.»

Não seria melhor dizer—se se fórmula e desenvolve?

Pag. 201 — «.. apuram a instrução superior antes de propagar a primaria; fazem doutores para boiar sobre uma onda de analfabetos.»

Boiar está errado; é verbo no singular e sujeito no plural. E' infinito pessoal.

Pag. 203 — «Sim, trabalham; mas o seu labor se faz como uma tarefa, quando devera ser uma campanha, entusiastica e ardente, como o trabalho se apresenta aos que avançam convencidos do exito, porque marcham em contacto directo com os acontecimentos...»

Marcham allí é gallicismo grosseiro. Marchar em portuguez tem significado peculiar e tecnico; marcham soldados em fórmula e attitude militar.

Os mais andam, caminham.

Quem lê o periodo de Bomfim crê que são alguns batalhões que marcham em contacto com os acontecimentos...

E' erro muito vulgar, que deveria ser evitado por quem faz conferencias a beldades...

Pag. 211 — «... mas não chegaram a mudar o concepto.»

Pag. 212 — «... o mesmo concepto se mantem...»

E' sempre assim; Bomfim, por ser um escrevinhador affectado, diz sempre concepto em vez de conceito.

Não é um erro, é uma affectação.

Pag. 232 — «... armando propriedades agricolas ou mesmo minereas.»

E' reincidencia no disparate das minereas como adjectivo em lugar de mineiras, etc.

Pag. 243 — «... dos irmãos Carrera...»

244 — «... os Carrera...»

253 — «... os irmãos Carrera...»

Bomfim faz côro com os litteratos da porta do Garnier, gallicistas iucuraveis que ainda pensam que os nomes proprios em portuguez não tem plural, mesmo que sejam nomes estrangeiros. E' gente que escreve— os Platão os Spinosa, os Albuquerque, os Conceição, os Almeida, os Gama... E' uma miseria. Só bôlos.

Não se lembram, ao menos, de Camões, que diz:—«O quarto e o quinto Affonsos e o terceiro—» ou de Garrett que escreve:—«E' proprio dos Camões—falar dos Gamas», ou de Herculano, que ensina:—Depois dos graves e profundos trabalhos historicos de Agostinho Thierry, quasi ninguem ignora qual era o valor politico dos Xeques e Caciques dos antigos selvagens da Europa; o que eram os Alariks, Hlodewigs e Theoderiks, que os escriptores, etc.» (Opusculos, V. pag. 157).

E' inutil multiplicar exemplos.

Pag. 248 — «A emancipação estava feita, completa e acabada, no momento justo em que o governo da antiga metropole assignasse o tratado, etc.»

Falar francez inutilissimo, já notado.

Pag. 252 — «... que se submettam a discrição» Quería se referir a discrição.

Pag. 256 — «... á discrição da metropole.»

O mesmo caso acima.

Pag. 258 — «Em verdade, será bem difficil dizer em que momento justo o Brazil começou a sua independencia.»

E' o caso á saciedade notado.

Pag. 278 — «.. não pense noutra coisa sinão em delles se servir para obrigar os outros a trabalhar.»

Este ultimo infinito é pessoal; está, pois, em discordancia com o sujeito.

Pag. 298 — «Se a familia, a posição, a fortuna herdada não lhe vem auxiliar, elle é condemnado.»

Devia dizer:— não no vem auxiliar, ou não lhe vem em auxilio.»

Não LHE venho auxiliar — é como ha muito que não LHE vejo.

Pag. 302 — «... que se apresentariam amanhã taes como eram a 40 seculos.»

Pag. 375 — «Pensem esses optimistas no que eram as nações latino-americanas a sessenta annos atraz.»

Dois casos mais de a em vez de ha.

Pag. 338 — «... uma natureza compassiva e ubera.»

Em portuguez temos o substautivo ubere ou ubre.

Temos o adjectivo uberrimo, a; mas ubero, a, não existe.

Pag. 407 — «Não lhe trabalha o espirito nenhuma aspiração superior.» Não é falar vernaculo.

Pag. 409 — «.. se queremos partilhar do progresso.»

Dois erros de pancada: partilhar é fazer partilhas, é officio do partidador em juizo. Nem mesmo em rigor, existe o verbo partilhar; e quando se lhe queira admittir a existencia, é no sentido indicado.

Admittido o partilhar por analogia — teremos — compartilhar — no sentido de ter parte, quinhão na partilha, que era o que Bomfim queria dizer. Mas ainda neste caso, o verdadeiro verbo portuguez é compartir.

O outro erro está em o — se queremos, em lugar de se quizermos.

Pag. 427 — «... os Ruskin.»

E' o plural dos nomes proprios.

Existem outros exemplos no livro. Basta isto.

E' a primeira vez, em trinta e seis annos de critica, que desço a indicar erros de liugagem, quédas grammaticaes.

E' que, actualmente, no Rio de Janeiro, se faz isto mistér, — no intuito de cohibir a petulancia de certos pretenciosos, pessimos escriptores entretanto, que vivem na inebriante illusão de haver feito monopolio da bôa linguagem,

O caso é bem diverso do que pensam.

Erram, erram, e erram muito.

O nosso Manoel Bomfim, de tempos a esta parte, anda se enfeitando para tomar assento na companhia. Já tem bilhete de assignatura na porta do Garnier e canta solos no conservatorio.

E váe tendo claque.

Não é, pois, de mais chamal-o á ordem, emquanto é tempo e não se julga invulneravel.

Foi o que fiz nos poucos artigos consagrados á sua America, prestando-lhe inestimavel serviço, si é que ainda lhe anda integro o criterio e o animo.

Resta-me pedir desculpas aos homens illustrados que houverem lido A America Latina, — de ter deixado naquellas paginas ainda tantas duzias de erros que passaram sem corrigenda.

E' que tinha pressa de acabar, vexado como audo para entrar no cerra-do cipoal de sandices que anda ahi a tecer certo e famigerado auctor loterico...

SYLVIO ROMÉRO.

(1) Previno em tempo que a Illiada, com 2 ll, que se lê em 4 ou 5 logares nestes artigos, não foi erro meu. O mesmo digo de alguns outros que escaparam á revisão. Não lhe faço carga, porque a minha lettra é a peor que se possa imaginar.

UMA QUESTÃO DE CINEMATICA APPLICADA

Em seu admiravel trabalho, de merito verdadeiramente excepcional, como o proclamaram Tannery, Königs, Gomes Teixeira e outros, e de ha muito apreciado em seu justo valor por nossos mais eminentes professores, trabalho que determinou uma revolução na cinematica applicada, o professor Reuleaux delineou, tão racionalmente quanto possivel, uma synthese cinematica. O que ha de scientifico e o que ha de empirico nessa construcção magistral não nos compete agóra analyzar sem nos lançarmos em considerações inteiramente estranhas a este artigo.

Procurando organizar uma classificação para as cadeias cinematicas simples, Reuleaux, por via synthetica, chega a estabelecer que a cadeia mais geral de conjugados cylindricos

é a cadeia de sete membros ($\frac{L}{C}$). Ha

fechamento excessivo para a generalidade das cadeias reversas cylindricas de numero menor de membros. Para um numero superior, não ha desmodromismo.

Infelizmente, ao leitor, as linhas que o eminente auctor consagra a este theorema, não constituem uma demonstração, no sentido mathematico. Seria preciso, para isto, mostrar que, transformada a cadeia em mechanismo, pela fixação de um dos membros, os eixos dos conjugados descrevem superficies regradas e que os pontos de fechamento contra a translação descrevem curvas de dupla curvatura.

E' no intuito de preencher semelhante lacuna que proponho a seguinte demonstração.

Designemos os membros da cadeia pelos numeros 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7. Fixemos o membro 1. Pois que não ha translação e apenas ha rotação, os membros 2 e 7 descrevem em geral hyperboloides.

Supponhamos a cadeia partida no membro 5. Então 3 e 6 descreverão congruencias e 4 e 5 complexos.

Designemos por α, β, γ os parametros de que depende 4 e por α', β', γ' os parametros de que depende 5. Ter-se-ão para o eixo commum de 4 e 5,

suppondo a cadeia fechada, quatro relações entre as seis quantidades. Por outro lado, para impedir a translação entre 4 e 5, é necessario uma nova equação entre as mesmas quantidades. Logo, todos os parametros se pôdem exprimir em funcção de um delles e, portanto, todos os eixos descrevem superficies regradas, cujas intersecções fórnam as trajetorias dos pontos de fechamento. Assim fica demonstrado por considerações muito simples de geometria regrada, o theorema apenas enunciado pelo illustre auctor da Cinematica.

OTTO DE ALENCAR SILVA,
Da Escola Polytechnica

SCIENCIA E INDUSTRIA

O hypnotismo dos animaes—Estudo de Lepinay e Grollet.—Utilidade do methodo, segundo repetidas experiencias.

No laboratorio de psychologia comparada de Paris, medicos veterinarios estudavam, havia muito tempo, a possibilidade da suggestão dos animaes e as vantagens de hypnotizal-os, problema complexo muito controvertido.

Nas mais pacientes experiencias se tinha verificado ser muito difficil fixar os olhos de um animal para obter a hypnose; a disposição anatomica de seus olhos não permite a fixação simultanea dos dois globos oculares; o animal, incomodado pelo olhar do operador, se subtráe a elle immediatamente. Além disso, augmenta a sua desconfiança quando se empregam espelhos, prismas, campainhas, vibrações uzadas para o hypnotismo do homem.

Apezar desses factos, os medicos Lepinay e Grollet verificaram que os animaes pôdem ser hypnotizados, até certo ponto, sem perceberem pela influencia excessiva sobre elles.

As experiencias fôram feitas principalmente no cavallo, e dellas resultou que, para assegurar os effeitos da suggestão, é indispensavel vencer, antes de tudo, as resistencias naturaes do animal, captar a sua confiança, adormecer as suas suspeitas, as suas predisposições, abolir-lhe o poder de se dirigir, de maneira a impôr-lhe a vontade do hypnotizador.

E' facil comprehender a utilidade do methodo para amansar e ensinar, mas a série de suggestões para conduzir o animal ao estado de receptividade efficaz não está ainda scientificamente indicada e os trabalhos de laboratorio não passam de tentativas.

O manganez como estrume—Experiencias do professor Roux—O que elle disse perante o Congresso de Chimica.

Os physiologistas admittem, agóra, que o manganez, cuja presença nos animaes e nos vegetaes era considerada fortuita, é um elemento indispensavel á funcção da cellula viva. Partindo dahi, o sr. Roux assignalára no Congresso internacional de chimica applicada, reunido em Berlium em 1903, o emprego do manganez como agente fertilizante do sólo. Continuando suas experiencias e apoiando-se nos estudos do laboratorio de outros sabios, entre os quaes figuravam japonezes como Aso, Sawa, Nagaoka, verificou não sómente serem araveis todas as terras encerrando, conforme as analyses de Leclerc, uma porção notavel de manganez, mas tambem que, adicionando-lhes uma certa quantidade desse metal, occasionando redução de despeza, se poderia obter consideravel augmento de colheitas.

Fez-se uma experiencia sobre uma cultura de aveia iniciada em fevereiro do anno passado. A camada aravel, de grande profundidade, era formada de terra argilosa, muito fraca em calcareo. Operou-se sobre duas superficies quadradas, eguaes sob todos os pontos de vista, medindo 20 acres cada uma. Receberam ambas o estrume habitual nas mesmas proporções, mas em uma dellas se adicionou certa quantidade de sulphato de manganez secco, correspondente a 50 kilos por acre. Esse sulphato, isento de impurezas, encerrava 3/18 % de manganez, recebendo cada metro quadrado 1 gr. 6 de metal. A colheita se fez em principio de agosto. O aspecto das duas superficies permanecera, na apparencia, o mesmo, mas as pezadas accusavam notavel differença, dando em favor do manganez 22,5 % para o total da colheita, ou 17,4 de gráu e 26 % de palha.

Na opinião de Roux, isso revelou um novo caminho para os estudos das causas da fertilidade do sólo, para experimentar, da mesma maneira que o manganez, todos os elementos raros, zinco, iodo e outros, aos quaes se deve attribuir a funcção physiologica.

Roux deu a esse condimento o nome de *estrume complementar ou catalytico*.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

* *

As officinas dos « Annaes », dispendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

O TUICHÁUA DO CASTANHO

No dia seguinte, ao amanhecer, toda a gente da malóca foi ao rio banhar-se.

O Jardim e eu fizemos o mesmo, logo que ficou desimpedido o porto.

Os índios do Rio Negro e seus afluentes são muito aceiados, banham-se tres e quatro vezes por dia. Em alguns logares, as mulheres empapam os cabellos com substancias aromaticas e com «*amor crescido*», planta que nasce nas pedras das corredeiras e fal-os ficar longos e sedosos. Ordinariamente, a primeira ablução é ao clarear e a ultima ao fechar do dia. Todas as vezes que comem, cáem n'agua immediatamente. Por esse grande aceio, não se lhes nota o *pitium* peculiar á sua raça em outras regiões.

O meu pequeno doente inspirava-me cuidados. Além do sentimento humanitario, estava em jogo a minha reputação de *curandeiro* entre os índios. Interessava-me muito a cura do *curummy*, depois do máu exito dos sopros e succões do pagé.

Ao saír do rio, fui vel-o. Estava sentadinho na soleira da porta posterior da casa, com um arquinho e uma flecha na mão, sempre muito pallido.

— *Maháta rechamunú reikô?* (Que estás caçando?)

— *Intimahā mahā.* (Nada) — Respondeu-me com um arsinho de tristeza.

Atirar ao alvo, matando passarinhos, teiús e largartixas, era o seu divertimento predilecto, — como é de todos os *curumys* do Amazonas—cujos brinquedos são sempre um arco e um remo, do mesmo modo que um laço e boleadeiras são inseparaveis dos *gurys* rio-grandenses.

E assim se explica a admiravel destreza de uns e outros nesses bellos *sports*.

Estava sem febre e dei-lhe mais quatro das nossas pilulas. Já tinha ingerido oito em menos de vinte e quatro horas, isto é, um gramma e meio de sulfato de quinina. Fiquei bastante animado e já olhava com certa sobrançeria para o meu *collega*, o *doutor* da tribu.

O sol havia chegado á meia altura entre o horizonte e o zemith, posição denominada pelos índios—«*sol alto*»—«*cuaracyiuatê*»—nove horas, proxima-mente, na latitude em que estavamos, pouco distante do equador. Ouvimos já proximo o bater compassado de muitos remos e appareceu depois na curva do rio, abaixo de nós, uma canôa e outra logo após. Era o *tuicháua*, que voltava da sua excursão a uma plantação distante. Os índios, não obstante terem todo o terreno de

que necessitam, costumam fazer roças afastadas das suas malócas, a oito, quinze e mais dias de viagem. Não contam absolutamente com o tempo. O *tuicháua* veio logo ter commigo, demorando-se na malóca apenas o tempo indispensavel para deixar a sua zarabatana.

Saudámo-nos cordialmente e poz-se generosamente á minha disposição com toda a sua gente. Fez-me, sorrindo, esse offercimento e no seu olhar claro e intelligente não pude descobrir um vislumbre siquer de fingimento. Era alto e magro e tinha as linhas do rosto muito accentuadas. Achei-lhe grande semelhança com um retrato, que possúo, do padre Feijó, o grande regente do Imperio.

Trajava um *cuêio* de algodão azul, e mais nada. Devia ter pelo menos sessenta annos, porque o negro da sua basta e longa cabelleira era interrompido por um ou outro fio de prata. Encostado a uma forquilha do meu tejupar, e eu sentado na maqueira, conversámos longamente. Fazia-lhe perguntas sobre a geographia da região e respondia-me com precisão e clareza, entrando em pormenores interessantes sobre as nascentes dos rios e a distancia que as separava de nós e dos contravententes, que calculava pelos dias gastos na viagem; os tributarios mais importantes, a côr das suas aguas, si pretas ou brancas, e a direcção do seu curso, que indicava pela posição relativa do sol; o nome e a orientação da serra; as malócas existentes e as tribus a que pertenciam e muitos e muitos outros detalhes, que me fizeram formar da sua capacidade intellectual alto conceito.

Falou, com tristeza e saudades, do tempo em que os seus avós numerosos e fortes dominavam nas margens do Mauáca.

Impressionou-me este selvagem, tão differente dos que pintam aquelles que não os conhecem, sinão depois que soffreram o contacto pernicioso da civilização bastarda e corruptora do regatão deshumano, que os vicía para melhor tel-os por escravos.

Mais valeria que ficassem escondidos e ignorados nas suas brenhas, até que viessem novamente outros missionarios como aquelles heroicos jesuitas, que os fôram buscar para formarem essa raça forte de mestiços que encham de tanta luz as paginas da nossa historia colonial e contemporanea.

Mostrou-me ao longe o cume elevado do cerro Guái, que eu procurava como um dos pontos obrigados da nossa linha de limites, segundo o tratado de 1857.

Foi tal a copia das suas informações geographicas, e dava-as com tanta segurança, que o levei até o porto e

pedi-lhe para traçar na areia com a ponta de uma varinha todos aquelles rios, todas aquellas montanhas e serranias.

Era extraordinario. Traçou os rios com linhas sinuosas. Das montanhas desenhava o perfil, como antigamente se fazia. A cada um, rio ou serra, dava o nome. Conheço muita gente bôa que não seria capaz de fazer o mesmo. Eu, que tinha gravada na memoria a carta de Venezuela, do coronel Codazzi, verificava a exactidão de tudo aquillo. A's vezes, havia divergencias entre a carta desenhada pelo selvagem na areia e a que eu tinha na cabeça. A verdade estava sempre com aquella. Quiz experimentar até onde iria a capacidade daquelle homem, que nunca havia vestido uma camisa, nem uma calça, nem posto na cabeça sinão a *akangatára* de pennas de tucano nos dias de festa. Dei-lhe um lapis e uma folha de papel grosso que tinha na minha bolsa de pelle de guariba. Pedi-lhe para desenhar no papel o que acabára de fazer na areia da praia. Foi á malóca e voltou com um ralo e um banquinho inteiriço. Virou a ralo com as pontas de quartzo para baixo, pôl-o sobre o banco e estendeu bem o papel sobre o fundo lizo. Sentou-se no chão, segurou o lapis com a mão fechada, como si empunhasse um punhal e começou traçando a serra divisoria. Era assombroso. Parecia conhecer desenho topographico. Desenhou o perfil do Tapiirapécó, com todas as pontas agudas, a Curummy-cuêra-uruçanga no seu dorso, a Curupira, de curvatura suave, a Anahanahana, alta e dominadora, e, além do divisor de aguas, para o sul, o pico esguio e escalvado da Tamaquary. Ia dando a cada um o seu nome, e eu escrevendo-o, de cócoras a seu lado, no mesmo papel. Feitas as serras, começou a delinear os rios, fazendo linhas sinuosas correndo em rumos approximados e com as distancias mais ou menos proporcionaes. Encheu todo o papel. Era grosseiro o desenho, mas revelava um grande talento.

Como aquelle selvagem, que, pela primeira vez, via um lapis e papel, pôde fazer essa carta cheia de detalhes, que só differia das regularmente feitas por ter o sul voltado para cima?

Estava já sufficientemente informado e dei as ordens para regressarmos no dia seguinte ao amanhecer, afim de esperar o chefe da commissão no posto do Marary. O *tuicháua* nos acompanharia com a sua gente.

Ao meio-dia, mais ou menos, appareceu-me no tejupar, com a mulher e outra india, cada uma com duas grandes cuias. Vinha comer commigo e trazia um mutum cozido, beijús de tapióca e de massa, *tucupi-pixuna* e

arubé. A india foi ao rio e voltou com uma cuia cheia d'agua. O velho convidou-me a lavar as mãos e fez o mesmo. Eu tinha o meu talher, mas comi, como elle, com a mão. O mutum estava gordo e tão cozido, que se delia e dispensava a faca. O *curudá*, «beijú de tapióca», com quasi dois palmos de diametro e meia pollegada de espessura, estava ainda quente e tinha alvura transparente. Apesar de bahiano habituado aos molhos apimentados de minha terra, não pude supportar o celebre *tucupi-pixuna*, mistura infernal de pimenta e mandióca, negra e pastosa, que ardia como cansação e queimava como brazza. Preferi, por mais branda, o *arubé*, feito da massa cozida da *mandiόca-puba* misturada com outros condimentos, que lhe dão sabor agradável. As duas mulheres conservavam-se ao lado, de cócoras como nós, mas não tocavam em coisa alguma. A meza era o chão muito varrido; a baixella, as cuias e as nossas mãos. Quando demos cabo do mutum, a india foi buscar agua e nos lavámos. O *tuichána* dirigiu-se immediatamente ao porto, tirou o cuéio e café n'agua — deu alguns mergulhos e saíu. Couvidou-me antes a fazer o mesmo, mas tive medo, porque sempre ouvi dizer que o banho depois das refeições é perigoso.

Deitado na minha rede ao lado do Jardim, que quasi não tomára parte nas palestras entre miu e o *tuichána*, porque, como os outros companheiros da comissão, não quiz aprender o *nheengatú*, fumava o meu cigarro comprido de tauary e seguia, até perderem-se no espaço azulado, os círculos de fumo que, de proposito, ia lançando para iuitar os que saem dos canhões nos dias de salva.

Onvimos uma voz de mulher cantando em lingua geral, numa toada melancolica. Não se distinguíam bem as palavras, e a musica era monotona, mas agradável.

Levantámo-nos ambos e fômos ouvir de mais perto. A india estava dentro da malóca e nós do lado de fóra encostados á parede. Eu ia traduzindo as palavras do Jardim. Era um canto peculiar ás indias moças do Rio Negro—o canto da «*Yandú*» da «*Aranha*». Nem os homens nem as velhas o entôam. Escrevi-o no meu diario e ouvi-o tantas vezes, que o aprendi. Ainda hoje, repito-o de cór lembrando-me da musica:—

Yandú ce çuí, yandú ce çuí
Apecatú yandú ce çuí—
Ne capichána rapé opê—
Jandú ce çuí—
Xanató ramé curumy-uacú xacaquera.
Jandú ce çuí—
Maháta ce puçanga, curumy-naçú?
Agáua pirêra, cunha-mocú—
Remehen ce puçanga curutén—
Cunemú xa manó ne çuí.
Jandú ce çuí.—

A singela trova da rapariga india, si não tinha grandes bellezas, era, em compensação, bastante realista;— e aquelles que não souberem o *nheengatú* poderão verificar da traducção:

«A aranha me mordeu, a aranha me mordeu.»

Longe a aranha me mordeu.
No caminho de tua roça
A aranha me mordeu.
Eu andava atraz de um moço
A aranha me mordeu.
Qual é o meu remedio, oh moçá?
Pelle de gente, rapariga:
Me de já o meu remedio,
Sinão eu morro e me vou.
A aranha me mordeu...»

E a toada proseguia sempre a mesma, repetida e repetida muitas vezes.

Voltámos ás nossas redes e fumávamos muito para espantar os *piúns* que desciam aos bandos sobre nós— e já nos haviam inchado as mãos.

A' tardinha, quando o sol se ia debruçando sobre as cristas azuladas da serra das cabeceiras do «*Mara-uya*», um bando de jacutingas pouzou bem perto de nós, na outra margem. O *tuichána*, que estava sentado na porta da malóca cerceando umas flechas para a sua zarabatana, levantou-se rapido; e, quasi correndo, dirigiu-se ao porto e parou defronte da aves, com o corpo inclinado para a frente, o braço direito estendido na horizontal apontando com o indice para ellas, empoleiradas tranquillamente; firmava-se na perna esquerda e tinha a direita levantada para traz, com a ponta do pé roçando o chão de leve. Parecia uma das figuras de bronze dos «*Corredores de Gérôme*.»

Veio logo o pagé e após. todos os indios da tribu; e todos ficaram na mesma posição, olhando silenciosos para o bando. Só as mulheres, occupadas nos seus trabalhos, ficaram na grande «*óca*». Cheguei-me ao *tuichána* e perguntei-lhe porque não dava umas flechadas naquelles cujubins — que já estendiam o pescoço e abriam as azas para desaparecerem na matta em busca do poleiro.

Respondeu-me serio, elle que sempre tinha o riso nos labios:

—«Inti xaiucá quáu nhahã uiraitá— cuiuy ceramua.»

(Não posso matar aquellas aves:— Cujubin é meu avô.)

Era a segunda vez que ouvia no Amazonas um indio dizer que descendia de um animal.

A primeira foi na bocca do Uaupés. Um velho «*Tucano*» contou-me que os homens da sua tribu não caçavam nem comiam anta, por descenderem do grande pachyderme.

Arrependo-me de não ter procurado estndar, nas suas relações religiosas e sociaes, as particularidades daquella crença, que existe espalhada pelo mundo inteiro:— os pelles-vermelhas da America do Norte, os negros

da Africa, os australianos e insulares da Oceania, alguns clans do Indostão e, no proprio territorio da Venezuela, onde então estávamos, os Goajiros. Por toda a parte no mundo moderno e na antiguidade, homens teem acreditado que descendem de sêres de outra especie e até de outro reino.

O cujubin era o *totem* da tribu do *tuichána*. Não indaguei delle o papel religioso e social do seu *totem* nem as suas funcções rituaes nas cerimoniaes do nascimento, da puberdade, do casamento e da morte.

Em geral, os clans das tribus *totemistas* adoptam o nome dos seus *totens*. Assim se chamava «clan da tartaruga» a divisão do povo das «*Cinco Nações*», os bravos Iroquezes de Wudson, que acreditavam descenderem dum destes chelonios, de avantajada corpulencia e gordura, o qual, depois de muito lutar, conseguiu largar a casca e transformar-se num guerreiro de grande fama.

Li numa carta — da collecção das «*Cartas edificantes*» escriptas pelo padre Bourzes, da Companhia de Jesus, á condessa de Soulé, em 1713, que uma das castas hindús á qual pertencia o rei de Maduré, considerava-se muito nobre e honrada por descender em linha directa dum burro!

Não só não matavam nem comiam o parente, como levavam o seu grande respeito e nobre philantropia ao ponto de não permittirem que lhe puzessem na albarda mais de um sacco, e os recolhiam aos alpendres dos bengalões quando chovia, de preferencia ao arriero, si não era de bôa casta.

A tribu do nosso *tuichána* não tinha o nome do seu *totem*, porque era conhecida pelo de «*Jacaré-tapuya*».

Do mesmo modo, os «*Tucanos*» do Uaupés, em vez de se chamarem «*Tapiira-tapuyas*», adoptaram o nome tupy de *Rhamphastos dicolorus*.

Spencer attribúe o «*totemismo*» ao culto do antepassado glorioso, cujo nome foi adoptado pela tribu, o que aliás não aconteceu nem com os «*Jacaré-tapuyas*» do Castanho, nem com os «*Tucanos*» do Uaupés, nem com os netos de burro do reino de Maduré.

DIONYSIO CERQUEIRA.

A LIVRARIA

As Religiões no Rio— João do Rio (PAULO BARRETO).

Acaba de ser editada em livro na casa Garnier a série de artigos subordinada a este titulo, que o anno passado Paulo Barreto publicou na *Gazeta de Noticias* sob o pseudonymo de João do Rio. Depois, elle os reuniu numa edição ligeira, das proprias officinas

da *Gazeta*, edição que em poucos dias ficou inteiramente exgotada.

Foi tal o successo, que o moço escriptor passou a ser muito mais conhecido pelo pseudonymo que adoptára do que pelo seu proprio nome, com que, no emtanto, havia subscripto quasi que todos os primeiros ensaios anteriores, esparsos em diferentes jornaes.

Essa representa nma das maiores novidades litterarias que decorreram emquanto estive ausente daqui. Quando voltei, quiz ler o livro, mas nem mesmo o auctor pôde proporcionar-me a satisfação desse desejo: não tinha e não sabia onde se fôsse procurar um exemplar.

De modo que só agóra, nesta edição, felizmente, que é melhor e mais importante, é que pude ler *As religiões no Rio*.

Vejo que era de todo ponto merecido esse triumpho que a obra alcançou. Como producto de reportagem que, na verdade, caracteristicamente é o que ella é, representa uma obra prima, principalmente comparada com o que no genero se tem produzido aqui.

Conhecemos alguns — muito poucos — inqueritos de imprensa feitos no Rio, mas a todos lhes falta, sinão tão bôa e abundante informação, pelo menos o encanto que tem este na fórmula, e interesse que por toda a parte, em todas as camadas da nossa sociedade, desperta devido á natureza do assumpto.

João do Rio não é um repórter que tivesse chegado á sua profissão pelos caminhos ordinario que levam os homens a um officio: nem a encarou como um idéal, nem lh'a impuzeram as necessidades materiaes da vida. Elle foi ao seu encontro como um príncipe europeu ao de uma *yankee*, bonita, mas, pelo menos no momento, sem grandes rendas.

Procurou-a não porque lhe fôsse indispensavel tirar della meio de vida propriamente, mas, para que, com as suas exigencias e os seus privilegios, a profissão lhe permittisse viver como rapaz do seu tempo, — intensamente, mas com espirito, — dando á vida todas as apparencias de um *sport*, que se adora, mas a que só por máu gosto ligar-se-ia uma importancia descommunal.

Antes de propor-se a *fazer cosinha* nas folhas, elle adquirira elementos necessarios para formar-se escriptor. Só a falta de idade é que até allí não lhe permittira utilizal-os victoriosamente perante o consenso de todo um publico; muito antes, porém, de 1905 quem era do officio vinha acompanhando com muita curiosidade o caminhar meio ás tontas, mas ainda assim vigoroso e sobretudo resolutivo,

embóra não já sem certa politica, certa habilidade, do adolescente que era Paulo Barreto por essa epocha.

Decidindo-se dentro em pouco, e com tanta firmeza, a tomar um determinado caminho, Paulo vinha confirmar logo o asserto de todos aquelles que nelle tinham vislumbrado alguem.

Principalmente vista a maneira *activa*, que por isso mesmo tinha de ser necessariamente original, porque entendeu fixar-se no terreno escolhido.

Eu esclareço.

E' phenomeno commum entre os fracos, depois das primeiras luctas por um idéal superior, desilludirem-se, e enveredarem *passivamente*, com necessidade do ganha-pão ou de se fazerem classificar na vida, por uma carreira qualquer.

Esta de reporter e mesmo a de jornalista, sendo carreiras litterarias e de exhibição, por natureza, não fogem, no emtanto, á regra; antes, entram descompassadamente nella. Em geral, abraçam-nas os desclassificados, e entre estes, em bôa parte, os inclassificaveis, por inaptidão ou por fraqueza.

Uns apparecem tão ingennos que julgam tomar desse modo caminho para o idéal com que sonham. Esses são os jovens poetas, as celebridades em casca, como se julgam. Ignoram que não pôde haver duas coisas mais perfectamente incompativeis do que a vida de que necessita um contemplativo e esta que tem de ser a do Argos moderno, essencialmente objectivista, toda votada ao momento, até ao fanatismo, até á obsessão.

Outros já vêem tão descrentes que, si procuram este meio de vida, é porque resolvem a nada mais aspirar; antes de entrarem para o officio, já mataram todas as forças vivas que os impediriam de ser lá dentro tão lerdos e obtusos como um amanuense na repartição; vivendo assim á beira da celebridade, em parte alguma estariam mais garantidos contra ella do que allí. Cavam buracos nas suas margens como o caranguejo á beira da praia.

E' claro que de vez em quando um iniciado ou outro apparece que escapa á regra geral: são os que representam as verdadeiras organizações para o caso, intelligencias claras, até mesmo acontece que brilhantes, e, junto disto, praticas, que trazem appetite e necessidade de predomínio.

Paulo Barreto nem no numero destes ultimos está, pelos menos até agóra. Por emquanto, seu programma consiste em participar da vida na profissão que acceitou pela fórmula mais intellectual e mais brilhante, embóra um tanto ou quanto pratica, que essa profissão lhe permittir.

Foi dahi que nasceu este volume das *Religiões no Rio*; é dahi que teem nascido as outras séries vindas depois e, com ellas, a conferencia que ha poucos mezes produziu no Instituto de Musica, e que é a sua segunda obra prima, comparativamente com os outros trabalhos que se lhe devem.

Seria exaggero escrever-se que esta série de artigos, agóra vindos a publico numa edição mais condigna, é de uma perfeição idéal.

Ella se resente dos defeitos proprios dos trabalhos deste genero, feitos sempre mais ou menos sobre a perna, e dos que se devem attribuir ao estado de formação a que ainda Paulo Barreto, tão moço, não podia fugir.

Compreende-se que este ou aquelle adjectivo menos bem achados, esta ou aquella expressão um tanto erroneas ou viciosas, um ou outro termo peregrino perfectamente dispensavel, não viriam allí si o tempo em que o trabalho foi feito permittisse reflexão e rasuras.

João do Rio procura ser um escriptor elegante e de bom gosto, portanto essencialmente um hodierno, porque não se pôde ter aquellas qualidades sem ser isto, elegancia e bom gosto querendo dizer intelligente, fina conformação com o momento.

Elle andon visitando os centros de religião no Rio com um espirito de independente sympathy perfectamente mundano.

Achou que a cidade cariôca estava minada de religião e mandinga, como, por exemplo, Moscow de dynamite, e Paris de prostituição mais ou menos elegante. Constatou o caso e ficou sorrindo despreoccupadamente como si isso nada quizesse dizer. Não é tanto porque no seu intimo não seja capaz de se impressionar com factos dessa ordem; mas porque estava inteiramente fóra de seu papel revelar tal impressão.

Ninguem poderá deixar de dizer que está certo. Si elle não fôsse um poucachito exaggerado a cada passo na nota dessa sua elegante neutralidade, de modo a revelar-nos que mais se preocupava com a imagem que daria de si aos leitores do que com os factos que lhes estava contando, o livro, de certo ponto de vista, seria perfeito.

Tambem ha paginas nelle em que somos obrigados a reconhecer fábulação flagrante, o que não é do programma, como, para citar um exemplo só, aquellas da Missa Negra, em que a entrada, por maldade litteraria, — no fundo simples graça inoffensiva, — do litterato satanista Carolino (allusão muito transparente) vem destruir por completo a dóse de bôa fé com que se tivesse principiado a ler o capitulo. Mas si os creditos do repórter soffrem

aqui um inevitavel desconto, sobem os do intellectual que ha nelle.

Implica não pouca imaginação e bastante sentimento de medida a factura destas paginas, que era na verdade difficil.

Como se vê, são todos defeitos estes perfeitamente corrigiveis. Com o tempo, Paulo Barreto adquirirá uma linha definitiva e simples, por complexa que seja a sua natureza, embóra já no conjuncto elle tenha feição inteiramente propria, modos de ver que sentimos serem organicamente seus; —portanto mostre o que se chama com propriedade talento.

Quem olhar bem attentamente para estas paginas das *Religiões no Rio* observará que no fundo daquelle espirito, que a todo transe se quer fazer absolutamente mundano, despreoccupado, amoral, e até mesmo um tanto ou quanto irreverente, ha os *disjecti membra* de um homem de principios e até mesmo, de modo mais vago ainda, os de individuo capaz de ter uma crença.

João do Rio não pôde conter de todo a sua repulsa quando nos fala das praticas nauseantes e grotescas da feitiçaria africana e da exploração sem vergonha, muitas vezes criminosa, dos espiritas falsificados.

Tambem é facil de observar o secreto constrangimento com que ironiza os positivistas, para não abrir excepção de máu gosto, e, principalmente, o seu respeito intimo pelo veneravel sr. Teixeira Mendes, a quem nem siquer tem a simples audacia de solicitar um *interview* directo.

Notem-se estas coisas para seu maior elogio, e que ellas indiquem o que aquelles que o estimam e admiram ainda esperam do seu robusto talento.

Com o correr dos dias, Paulo Barreto achará meio de conciliar todos as suas legitimas tendencias, de modo a ser sempre um escriptor de bom gosto, que acompanhe a linha do seu tempo, mas reconhecendo podel-o fazer sem que lhe seja necessario olhar para as coisas exclusivamente pelo seu lado exterior, constatando que, com alguma arte, e pelo menos até certo ponto, poderá tambem olhar para o que haja nellas de intimo, de fundamental e de serio: olhar e dizel-o.

NUNES VIDAL.

Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

**

As officinas dos « Annaes », dispondo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

UM GUERREIRO DO SUL

— — —
*Algumas notas, segundo
uma carta, sobre o general
Jóca Tavares.*

.....

Sabes que a sua existencia de octogenario decorreu em grande parte nas guerras do Imperio, prestando os mais inclytos serviços á patria.

Iniciou-se na carreira das armas durante a famosa revolução rio-grandense que fez a ephemera Republica de Piratynin, proclamada em 1837, pelos seus grandes caudilhos generaes Bento Gonçalves, Souza Netto, João Antonio e David Canabarro.

Militando ao lado de seu pae, o general Silva Tavares, distinguiu-se o jovem Jóca Tavares em todos os combates em que tomou parte contra os insurgidos *Jarropilhas*.

Desde esta epocha, as campinas e coxilhas do sul lhe ficaram muito conhecidas, e, percorrendo-as para bater-se com astuciosos inimigos, elle tornou-se bom tactico na arte da guerra e *vaqueano* de todo o territorio da provincia.

Feita a pacificação em 1845, continuou Jóca Tavares a servir no exercito nacional, porque o Rio Grande do Sul era um acampamento em razão da necessidade duma vigilancia constante nas fronteiras, para o Brazil garantir-se contra os planos do general Rozas, dictador de Buenos-Aires.

Sobreveio a campanha em 1851, contra este cruel tyranno argentino, e de novo Jóca Tavares achou-se nas fileiras da temivel cavallaria rio-grandense, ao serviço da alliança que anniquilou em Monte Caseros o fatal dominio daquelle despota; mais tarde, na guerra do Paraguay, fez tambem brilhantes prodigios de coragem.

Então ainda eram recentes as fulgurações da victoria de Paysandú, e ao exercito brasileiro coube outra vez a honrosa missão de libertar do despotismo uma nação amiga e americana.

Foi com acerto que se escreveu: «Jámais a tyrannia enfrentou com um inimigo tão encarniçado; Rozas e Lopez tiveram-no sempre como terrivel adversario.

Nessas memoraveis jornadas o seu nome foi inscripto no numero dos que mais propugnaram pela defeza da liberdade.»

De facto, a espada e a lança do illustre guerreiro gaúcho rutilaram sempre a favor das causas do civismo e da liberdade.

No combate de Aquidaban, ultimo reducto da resistencia paraguaya, Jóca Tavares era o vanguardeiro da divisão commandada pelo general Camara, que exterminou as forças do inimigo e tambem ao proprio dictador

Solano Lopez, que na fuga procurava garantir a vida.

«Indifferente a todas as horas que lhe pudessem advir de tão assignalados serviços, unicamente satisfeito com o regosijo intimo de haver cumprido o seu dever, eil-o recluso á sua modesta existencia particular da qual apenas se arredava para dedicar-se aos interesses do seu querido Rio Grande, quando mistér se fazia a sua intervenção.»

Distincções e homenagens os compatriotas lhe prestaram magnificas, mas elle se mostrava o mesmo homem singello que bem sabia amar a patria e a causa publica.

Teve medalhas de campanha com passadores de ouro, condecorações das ordens imperiaes e o baronato de Itaquy, que o legendario rio-grandense renunciou quando adheriu ás idéas republicanas em 1888.

A aureola de veterano da patria cingia-lhe o nome com o mesmo brilho que ao dos seus contemporaneos e irmãos d'armas, os generaes Osorio, Bento Martins, Vasco Alves, Portinho, Andrade Neves, Menas Barretos, que muito glorificaram a bravura da cavallaria gaúcha.

**

O general Silva Tavares dispunha de um grande prestigio politico em toda a sua terra natal, mas nunca solicitou suffragios eleitoraes para o seu nome; costumava pleitear pela victoria da candidatura do seu digno irmão dr. Francisco Tavares, que foi deputado pelo partido conservador nas antigas assembléas geral e provincial.

Estava o velho militar completamente retirado da actividade, passando os dias de sua gloriosa vida na estancia da Carpintaria, e algumas vezes em Bagé, no lar da familia que o venerava carinhosamente, quando se produziram os acontecimentos do golpe d'Estado de 3 de novembro de 1891, que repercutiram violentamente no Rio Grande.

A 12 de novembro, a campanha do Estado achava-se em plena revolução, e nas cidades a agitação dos espiritos era extraordinaria.

Uma jornada de reivindicação tinha de ser iniciada pelos adversarios do governo estadual que se inclinava a sancionar a dictadura instituída pelo marechal Deodoro.

Jóca Tavares impugnou immediatamente a inconstitucionalidade da situação, dirigiu um appello de Bagé aos officiaes das outras guarnições militares, armou contingentes de tropas civis e dispunha-se a marchar sobre Porto-Alegre si o dr. Julio de Castilhos não se tivesse antes retirado do poder.

Ha desse tempo uma carta dirigida

pelo illustrado republicano dr. Assis Brazil ao venerando general, em que se pódem ler trechos como estes :

«Eminente patricio e amigo. — Vossa carta de 17 do corrente, que respondo, seria, só por si, attestado bastante da vossa grandeza d'alma, si de taes attestados precisassem homens da vossa auctoridade. Aliás, a qualidade que revelaes, mais uma vez, é socia inseparavel de todos os verdadeiros heróes.»

Ainda uma vez, reitero-vos a expressão dos mesmos sentimentos que vos manifestei em carta anterior, relativamente á completa e absoluta ausencia de qualquer ambição de minha parte, e da dos meus amigos, que não seja encamiuhar o presente movimento no sentido da liberdade da Patria e da glorificação do nosso querido Rio Grande.»

Occupando-se de outros assumptos e de algumas individualidades do movimento revolucionario, o dr. Assis Brazil diz na mesma extensa carta :

«Eis ahi, meu bravo general e amigo, um dos melhores fructos que deve produzir a presente revolução : nossa politica estava errada—vamos principiar de novo.»

Já vos tenho escripto tanto, que pouco tempo me sobra para tratar da nota de providencias a tomar, que me enviastes, e que é mais uma prova da actividade de vosso espirito sempre jovem... Temos desenvolvido aqui muita actividade.»

Mais adiante, noutros topicos em que se refere a provaveis operações de guerra, ao impedimento de entradas pela barra do Rio Grande e a ausencia do marechal Camara, visconde de Pelotas, diz o seguinte :

«Em todo caso, demorará a chegar, e nós não podemos continuar sem um general em chefe.»

Vós vos tendes recusado a esse posto que vos competia.

Hoje se fará aqui a nomeação do general Rocha Osorio, que, vindo Camara, poderá passar a commandar uma divisão.

Osorio está bem disposto. Creou alma nova, vendo a boa situação desta guarnição, que o recebeu bizarramente. Urge agir. Temos feito muito e pouco falta.»

Em março de 1892, chegava ao Rio Grande do Sul o tribuno parlamentar e chefe liberal, dr. Silveira Martins, recebido no meio de sumptuosos festejos, promovidos nas localidades do Estado, em regosijo pela volta do seu illustre e prestimoso filho.

O general Jóca Tavares abraçou-o em Bagé e assim ficaram reconciliados os dois antigos antagonistas de partidarismo politico.

Silveira Martins e Silva Tavares promoveram em abril, nessa cidade,

uma grande assembléa de chefes e influencias politicas que se denominou *Convenção federalista*, na qual fôram elaborados um programma de partido e as bases para a refórma constitucional. Esta convenção acclamou o general Jóca Tavares «chefe d'armas do partido» e pouco tardou em que o eminente veterano se revestisse do mando para entrar em operações militares, pois a 17 de junho rompia uma insurreição na capital do Estado e empossava, outra vez, o dr. Julio de Castilhos no governo.

A situação era muito critica para o partido federalista, porque o vice-presidente da Republica, marechal Floriano, pela auctoridade do general Vasques, commandante do districto militar, sustentava os novos detentores do poder.

O marechal Camara, presidente provisório do Estado, deposto do governo, appellou para o civismo do seu antigo companheiro de armas, general Tavares, para que reunisse elementos afim de resistir em Bagé.

Neste agitado periodo da politica rio-grandense, foi que conhecemos o glorioso veterano das campanhas militares do Imperio, quando o marechal Camara quiz que fôssemos directamente apresentar-lhe um relatorio verbal dos acontecimentos que se passaram na capital do Estado.

Seguimos num vapor da Navegação Costeira para a cidade de Pelotas, onde a revolução dos castilhistas estava em campo, a Intendencia Municipal fôra deposta, viam-se grupos armados em quasi todas as ruas. Na manhã seguinte, 20 de junho, tomámos passagem no expresso da linha ferrea de Bagé. Vimos as estações de Piratunin, de Pedras Altas, de Serro Claro e as lindas campinas do Rosario, cobertas de vicejante pastagem para alimentar as tropas de animaes. Em Pedras Altas, uma patrulha de gaúchos montada em bons cavallos recebeu armas e munições que lhes fôram distribuidas no momento da chegada do trem e partiu a galope, gritando *viva a legalidade!*

A's cinco horas da tarde, chegámos a Bagé e fômos recebidos pelo dr. Azevedo Penna, que á noite nos levou á presença do general Jóca Tavares e de seu digno irmão coronel Zéca Tavares, sympathico e bello typo de homem valeute.

Era o general Tavares uma figura antiga e respeitavel, que falava com calma, vóz grossa e muito firme.

O escriptor visconde de Taunay, que o conhecera na guerra do Paraguay, perfeitamente disse a seu respeito :

«Este velho rio-grandense é um homem da melhor tempera : massiço no character, robusto no physico e na coragem.»

Bagé estava em paz. O partido adversario era insignificante. Attendendo ao pedido do marechal Camara, o general Tavares tinha reunido pouco mais de mil cavalleiros que se achavam acampados no prado de corridas, a pequena distancia da cidade. Esta gente estava mal armada ; antes de nos retirarmos de Bagé, fômos ao seu acampamento, uma manhã, ao lado do general Jóca Tavares e de outros officiaes que nos acompanharam a cavallo.

Os gaúchos receberam-no com aclamações e toques de clarins; eram commandados pelo coronel Alexandre Colares.

Por esse tempo, os acontecimentos politicos aggravaram-se muito na capital do Estado, que o commandante da canhoneira *Marajó*, o intrepido capitão de fragata Santos Lara, bombardeára vigorosamente as forças da policia castilhistas que o quizerem hostilizar do caes do Mercado e de bordo do paquete *Mercedes*.

Receiando pela sorte do Rio Grande insurgido, o conselheiro Silveira Martins expediu ao general Silva Tavares o celebre telegramma, que é um documento honroso para o patriotismo do eminente estadista e tribuno.

Silveira Martins pediu a Jóca Tavares que desarmasse as suas forças para evitar a guerra civil «o maior flagello que póde cair sobre um povo».

A 4 de julho, o venerando veterano em attenção a esse generoso appello dissolveu as suas tropas, entrando em accordo com o coronel Arthur Oscar, que, á frente do 3º de infantaria, marchava sobre Bagé. Mas a lealdade do procedimento do general Tavares não tardou a ser illudida pela entrada na cidade dos contingentes civis ás ordens de Manoel Pedroso e Motta, seus adversarios temiveis.

Com os principaes chefes federalistas e as pessôas de sua familia, o velho chefe rio-grandense transpoz a fronteira do Estado Oriental do Uruguay e da cidade do Cerro Largo. Escrevia a 9 de julho de 1892 ao seu estimado irmão o barão de Santa Tecla :

«As forças que ficaram em Pedras Altas se aproximavam de Bagé com intuitos que aqui não mencionarei... E conhecendo de quanto são capazes esses homens, a que, desgraçadamente, estão entregues essas forças e os destinos do infeliz Rio Grande — resolvi retirar-me para a Republica Oriental, onde permaneço.»

Começaram depois os preparativos para a invasão federalista, por parte dos emigrados que resolveram combater o dominio do partido de que era chefe o dr. Julio de Castilhos.

Effectuou-se assim a revolução que durou tres annos e que sómente con-

cluiu a 23 de agosto de 1895, graças ao accordo para a pacificação firmado entre o general Joca Tavares e o general Galvão de Queiroz, commandante do 6º districto militar e das tropas do exercito federal, que especialmente seguiu, commissionado pelo governo civil do dr. Prudente de Moraes, para o Rio Grande do Sul.

O valente general Tavares, nesta revolução rio-grandense, distinguiu-se muito, não obstante a sua avançada idade; commetteu actos de inaudita bravura e tambem de extraordinaria generosidade. Duas vezes, o marechal Floriano, no exercicio dos seus discricionarios poderes, tentou tratar a paz entre o governo e os insurrectos, tendo para este fim commissionado, para se entenderem com o chefe Joca Tavares, o senador Cunha Junior e o general João Telles; mas foi impossivel acceitar as propostas apresentadas; numa das vezes em que o venerando general parlamentava com um desses illustres emissarios, recebia as tristissimas communicações do assalto á residencia da familia do coronel Facundo Tavares, a prisão deste, o assassinato de dois dos seus filhos e o ferimento de uma irmã destes infelizes moços, que eram alumnos da Escola Militar em Porto Alegre.

Deante de tanta sanha politica e de crimes de tal gravidade, era impossivel pactuar honrosamente, e, por isto, o glorioso ancião proseguiu na guerra em que se empenhára contra a dictadura e a oppressão civica, em sua amada provincia natal.

A reivindicção dos brios rio-grandenses foi sempre pleiteada com o valor e as energias d'alma desse notavel patriota e militar até o instante em que a morte veio cerrar os seus olhos.

Poucos dias antes de fallecer, ainda o general Silva Tavares luctava pela victoria da bandeira do partido federalista nas eleições de 31 de janeiro ultimo, animando com o seu nobre exemplo a todos os partidarios de suas idéas.

Elle defendia com amor e corajosa dedicção essa mesma insignia de principios evangelisados pelo grande tribuno Silveira Martins, e «morto o chefe a bandeira federalista passou ás mãos fieis do general Joca Tavares que com brio e valor inexcediveis a conservou. .»

LEOPOLDO DE FREITAS.

EPISTOLA VÁRIA

SUMMARIO: *Accioly e o seu escriba — Estadistas, estadistas... — O professor Hemeterio e a sua Carta aos Maranhenses — O poeta Bruno Barbosa — Sylvio, o faceto: o que é e o que não é — O que Estevão não sabe e o que fica sabendo—A Academia de Lettras e a derrota de Domingos Olympio — Filho, pae e avo—Accioly na Academia.*

Rio, 14 de fevereiro de 1906.

Amado sr. dr. Domingos Olympio

Um anonymo irritadiço deitou mo-fina contra vossa mercê, em certa columna paga, porque a sua penna é mais frequentemente hostil que indifferente ao commendador Accioly, a velha tanajura que installou no Ceará o seu formigueiro.

E' logica a secreção do escriba, como furunculo que é do seu poderoso senhor, excnze-me a figura, que é um tanto ao quanto intemperante e viva, mas que, por espontanea, é expressiva. E tem razão o escriba: é de todos os tempos que os saltimbancos deparem com gente para applaudil-os.

Não me occorre si esse escrevinhador, como é de praxe em taes emergencias, attribuiu á victima de vossa mercê predicados ou pelo menos o cognome de estadista. Inclino-me a crer que sim, porque essa é uma adherencia alcunhatica natural ao que, por manha ou força, assalta a posição de desfructador das rendas de um Estado; pois si estadista não fôra, outro qualificativo é que bem lhe assentára, mas de tal geito, que, a bem merecel-o, teria de mudar de residencia e condição, tão imperativas são as exigencias doCodigo Penal. Estou, porém, que o commendador, e o sugiro em abono d'elle, tem das snas funcções mais exacta comprehensão; não, entenda-se, que eu lhe queira injuriosamente euprestar attributos intellectuaes que lhe fallecem, mas porque o rato não se equivoca no seu criterio, quando tem a julgar si está dentro de uma ratoeira ou de um queijo.

... Todos elles são estadistas: o jovem estadista, o preclaro estadista, o venerando estadista, o immaculado estadista... Montenegro, Nery, Severino, Rosa, Bené, Vicente, Totó, Euclides, vê vossa mercê? Basta um nome para indical-os. Tudo estadista de primeira agna. Contra um destes insurgiu-se ha dias o professor Hemeterio J. dos Santos, por ter elle convidado um grammatico para dirigir a instrucção publica no seu Estado. Trata-se do estadista Bené. Não sei si o professor tem razão no que affirma contra o grammatico — isto ás vezes são teirós — mas o que eu quero aqui de passagem observar é que a catilinaria é feita em bôa e sadia lingua portugueza, com essas vibrações que

fazem lembrar os tempos aureos da Athenas brasileira. E' possivel que, em regra, o professor Hemeterio exaggera um tanto o feitio classico do seu dizer, mas quando elle se esquece de João de Barros, se faz de prompto humano, scintillante e espontaneo.

E' o que se nota na sua *Carta aos Maranhenses*.

Hoje o classicismo é artificio, digam o que quizerem os seus cultores. A emoção hoje se veste com menos graça, seja, do que outr'ora, mas para não parecer ridicula, tem de o fazer differentemente. E ser espontaneo é ser do seu tempo, do seu meio, é projectar a sua individualidade e esculpir o seu character na obra d'arte que emprehenda. Aqui está um producto espontaneo que, vestido á ridicula maneira de Camões, daria em droga, com perdão da palavra:

Quando fôrmos dois tremulos velhinhos,
Tu tão formosa sem nenhum encanto,
E eu tão forte — a chorar pelos caminhos,
Olhar-nos-hemos com profundo espanto.

Meu doido amor, meu cofre de carinhos,
Verei teu riso transformado em pranto,
Indifferente á musica dos ninhos
E a outras mais cousas que adorámos tanto...

E o sangue em fogo que por nós circula,
E este arrepio, e este tremer de labios,
E esta canção que ao teu onvido arrula;

De tudo isto, a chorar pelos caminhos,
Sentiremos apenas os resabios,
Quando fôrmos dois tremulos velhinhos.

Este soneto é do Bruno Barbosa, o poeta das UTOPIAS, auctor agóra dessa ardente e entusiastica MOCIDADE, que já é uma affirmação. Não é ainda uma personalidade fortemente caracterizada — o Bruno, mas ha de o ser, quando a idade e o estudo vierem definir o seu talento e accentuar a sua originalidade.

Não que eu pense, está claro, que bastem annos e leituras para a formação do poeta, ou do romancista, ou do critico, ou do philosopho.

Pois, a ser assim... (A proposito: eu conheço um sujeito que tanto se empanturrou de profusas leituras que uma tarde ensandeceu. Faltava ao desgraçado, e de todo, a capacidade assimiladora e a faculdade expressiva, de sorte que aquella indigesta móle de conhecimentos armazenados dentro do respeitavel bestunto fermentou e lá se poz o homem a recitar baboseiras e a metter os pés pelos pés)... Pois, a ser assim, dizia eu, o faceto e academico Sylvio seria um philosopho e um critico.—E quem não sabe que elle o não é? Ai, que ha um mancebo em Campanha, de nome Estevão Franco, que está para o Sylvio como o Sylvio para o Tobias. E esse mancebo é o unico que não sabe que o Sylvio não é critico, nem philosopho. Mas fica sabendo d'ora em deante. O faceto

Sylvio (deu agóra para gaiato, o raio...) o que é com perfeição é um academico.

E, por falar em academico, aproveito-me da opportunidade para dissertar com vossa uercê sobre sua derrota na Academia. Tenho a proposito lido as mais comicas lamentações; por todas as folhas, circumspectos escriptores observam com desgosto que a Academia, repellindo-o do seu seio, praticou acto de desaso e revelou uma nefasta tendencia ao suicidio. Discordo radicalmente de taes dizeres e me congratulo por igual com vossa mercê e com a Academia. O que ainda hoje não me posso explicar é como o admiravel creador da *Luzia-Homem* se propoz, e para que, á mumificação academica. Então vossa mercê, meu amado doutor, não dormia o tranquillo somno do justo, por se lembrar que não era um dos tripolantes do navio fantasma, ora enalhado na Gloria! (Que ironia subtil do Destino!)

Pois seria uma coisa absurda a sua escolha. Poder-se-ia dizer d'ora em diante, que a entrada para a Academia era um premio ao merito e que essa consagração tinha pelo menos um valor symbolico. E não é só: si vossa mercê fôsse eleito, teria que fazer o panegyrico de José do Patrocinio, segundo penso. Ora, obra de excelsa factura seria essa por certo, mas de sinceridade escassa. Não poderia vossa mercê por exemplo, dizer que Patrocinio sempre desdenhou, na sua fundamental incompatibilidade com as camarilhas, do ajuntamento hybrido em que o metteram recrutado. E a ausencia dessa nota expressiva seria uma falta substancial no estudo desse espirito rebelde e refractario ás convenções mais ou menos atoleimadas. E seria vossa mercê elogiado com pompa por um dos cysnes de arribação da Academia; mas esse delegado, é fatal, extravagaria no assumpto, desconhecendo na fecunda mentalidade do novo collega todos os signos de cunho propriamente individual e só se preocuparia em catar o pouco de academicismo que porventura nella exista. Pois o bom academico será a média geometrica dos seus pares: as discrepancias excessivas concorrem em detrimento da collectividade. Para ser um bom academico é mistér mutilar as faculdades exorbitantes e destas aparas formar as novas faculdades indispensaveis ao bom e exacto desempenho das funcções collectivas que o Estado exige. Não tem vossa mercê envergadura para tanto. E eis ali porque me congratulo com a Academia e com vossa mercê.

Academico é o Sylvio, como vinha dizendo. Academico será esse hypothetico Estevão, filho espiritual do

Sylvio, e neto de Tobias, já famigeradosinho no allemão, como o defuncto avô, e fanhoso de conceitos, pernostico de fórmula, desassisado e hyperbolico como o avô e o pae. Famosa raça!

E sabe quem dava tambem um academico de truz! O velho commendador Accioly. Seria uma delicia. Elles pegam de galho. Em pouco tempo haveria um acciolyzinho em cada cadeira e logo os quarenta dobrariam o numero de assentos e arranjariam vencimentos para o espinhoso cargo, com direito á jubilação.

Creja vossa mercê que ainda é melhor rir do que chorar e que é de bom gosto dizer coisas tristes com palavras alegres.

Todo de vossa mercê

FROTA PESSÔA.

Fragmentos de estudo da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XIII

Ainda seria facil apontar muitos outros trabalhos de publicistas illustrados e competentes. Foi precisamente, em 1823, que o celebre orador Manoel viu-se empolgado pelas garras dos *gendarmes* do marquez de Foucaulte, expulso do recinto legislativo, sob o ministerio Villéle, durante a Restauração. (1) Ora o famoso orador brasileiro (naturalmente, ou indubitavelmente) conhecia livros e factos e que, nessa phase do seculo XIX, era tal o desenvolvimento e a somma dos conhecimentos e das theorias das escolas que discutiam as questões do regimen constitucional representativo; todavia, o seu espirito fluctúa em contradicções e apparece muitas vezes obscurecido por um syncretismo, que surprehende. Poder-se-á explicar pela volubilidade e irrequietação de character. Natureza, que se inflamma pela violencia das paixões; sensibilidade, que assoberba a reflexão, e dá-lhe subitas inspirações nos improvisos da palavra, o orador é frequentemente agitado, qual a bandeira que o poeta florentino via, como que redemoinhar sem ter um ponto fixo de repouzo; a historia não ha de tolerar que um espirito da plana do orador paulista tomasse nos debates do Parlamento posturas equivocadas entre o *pró* e o *contra*, sómente para defender ou attenuar o terrorismo, resultante das repetidas portarias de devassas, que afugentavam a uns, como José Clemente, o dr. Gonçalves Léo, o conego Januario; eucarceravam a outros, quaes os brigadeiros Nobrega, Moniz Barreto, o jornalista Soares Lisboa e o deputado coronel Costa Barros.

Antonio Carlos será julgado — não pelos encomios dos admiradores consciences, nem pela parvoeza da turba ignara. Serão confrontadas as suas opiniões com as idéas dos publicistas que o precederam, ou escreviam no seu tempo. Verificar-se-á então que elle — ou por calculada argucia, ora preconiza certos principios, ou por crassa ignorancia desconhece certas doutrinas que não devia ignorar, porque eram sabidas e ensinadas no momento em que sua vóz estrugiu sob o tecto da cadeia velha, onde funcionava a Constituinte brasileira.

Antonio Carlos declara, pois, que se levanta porque tratavam de doutrinas anti-constitucionaes, isto é, da proposta do deputado Alencar, pedindo ao Governo explicasse o motivo da prisão do deputado cearense, e que, a não haver crime e a prisão motivada por simples precaução, o mandasse soltar para vir exercer as funcções legislativas.

O orador paulista oppõe-se e combate esta justa, necessaria e verdadeiramente constitucional idéa. E' elle quem se colloca no terreno anti-constitucional. E' o guarda e zelador do fogo sagrado que o quer violar e deixar, sobre a ara sacrosanta, extinguir-se...

Nesse debate, quantos principios essenciaes do regimen constitucional sacrifica proposital ou inconscientemente — revelando calculo de interesse de partido, ou crassa ignorancia!

Em primeiro logar, desconhece o principio do equilibrio e harmonia; em segundo, a necessidade, reconhecida por todos os parlamentos, de resguardar os representantes, creandolhes até immunidades (ponto em que, de leve, tocou Araujo Lima); em terceiro, o direito de petição que no regimen é uma bella e fecunda conquista; direito que o cidadão exerce por um modo e a Assembléa por propostas, por moções e mesmo transformando-o em leis prohibitivas que tiram ao executivo a possibilidade de praticar certos actos; por exemplo: por uma lei supprimindo o processo das devassas que eram os instrumentos de tyrannia. Ora, a Constituinte assim entendeu, acceitando o projecto de derogação do tremendo alvará de 1818.

Antonio Carlos negava á Camara o direito, commum a todo o cidadão, de pedir e proteger a liberdade dum de seus membros, e ao mesmo tempo, reconhecia que, como *paes da patria e guardas dos direitos*, lhes cabia não sómente solicitar a soltura do prezo, ainda mais: advertir o Governo e poder judiciario. Antes, ao orador paulista o méro pedido antolhava-se ingerencia nas attribuições dos outros poderes, — coisa que considerava in-

constitucional. A contradicção penetra pelos olhos. Aquillo, porém, que Antonio Carlos não teve o criterio de attender — é que, si a Camara, não se prevalecendo do principio de harmonia — regeitasse a proposta, (como auctoritariamente impunha que não se devia conhecer do caso Costa Barros, ficaria destruida a base constitucional da separação e divisão. O poder executivo sem a fiscalisação, sem o equilibrio, não teria liame com o legislativo; ficaria, de principio e de facto, absoluto. Todo o mechanismo da divisão dos poderes ruiria por terra; todos os direitos poderiam ser confiscados, nullificados pelo poder dominante *sem peias, contrapezos e limitações*, segundo a phrase do publicista inglez, auctoridade nestes assumptos (2). As mesmas idéas são ensinadas por outros publicistas antigos ou modernos (3).

Não é tudo: Antonio Carlos, que se arroga não só a missão de ser o pontifice do constitucionalismo e de ensinal-o aos escolares inexperientes que o escutam na Constituinte; que, em se tratando de doutrinas anti-constitucionaes, sempre julga dever levantar-se para profligal-as, por ser sua missão pontificia; que cita, a esmo, praxes e leis, uzos e precedentes do regimen parlamentar da Inglaterra; embebe-se num imperdoavel olvido, que mostra resaios de crassa ignorancia relativamente ao papel que as Camaras inglezas representam no tocante á protecção dos direitos do cidadão da Grã-Bretanha, o qual, com legitimo e véro orgulho, pôde, em qualquer parte ou situação, exclamar, como outr'ora o filho do fluvo Tibre: *civis romanus sum*. . . E, no seu triumpho brilhante de orador e de estadista, lord Palmerston accrescentava: e o braço da Inglaterra é assáz forte para sustental-o e defendel-o (4).

Esse grandioso poder, de que uza o parlamento inglez, sob o regimeu constitucional, Antonio Carlos parece fingir ignorar. Levado por inqualificavel suspeição a respeito da ingerencia nas attribuições independentes de cada poder, chega a descobrir no principio essencial — da harmonia, producto do equilibrio regular — ingerencia indebita e, desta guiza, allúe uma das mólans do machinismo. Scisma enxergar em tudo invasão, ainda que seja para manter o efficaz meneio das diferentes peças do artefacto que resulta de calculadas combinações.

Sabem todos que estudam as theorias do governo constitucional representativo, que este systema não foi achado *nas selvas* conforme imaginou um eminente pensador. Foi, pelo contrario, o producto da razão esclarecida pela sciencia, robustecida pela experiencia e formada lenta e labori-

osamente (5). Na Inglaterra, considerada berço desse systema, a lucta foi diuturna e data desde os reinados dos João Sem Terra, Eduardo, Henrique e seus successores. E, na opinião dum illustre publicista francez, — só depois dos estatutos da rainha Anna, (6) o regimen tomou consistencia e se foi aperfeiçoando gradualmente.

Antonio Carlos, pela pertinacia de ver ingerencia dum poder nas attribuições de outro, combateu a proposta de Alencar como anti-constitucional, porque pedia que o Governo mandasse soltar o deputado prezo sem culpa formada e sem iudicios de ter commettido crime e opprimido em sua liberdade por longo tempo. O proceder do orador, que, na tribuna, faz praça de sua consciencia nas praxes e nas doutrinas constitucionaes da Inglaterra e que, a todo instante, cita os Burke, Fox, Sidney e Pitt, não é uma simples revelação, é uma prova irrecusavel de crassa ignorancia daquellas praxes e doutrinas. Devia conhecel-as, porque ellas são do seu tempo e, si as conhecesse, como soía blasonar, de certo não combateria a proposta Alencar; devéras, não bradaria á Camara: — *que direito temos nós de perguntar ao Governo por materia de sua competencia?* Evidencia que ignora o grande papel que o parlamento inglez sempre representára neste assumpto e que ficou regulando como precedente, praxe, uzo e direito constitucional. Invocaremos os nomes de alta competencia, muitas vezes citados pelo pontifice do constitucionalismo na Constituinte.

W. Pitt, primeiro ministro, exprime-se do modo seguinte: «E' incontestavel que a Camara tem o direito constitucional de inquirir, de examinar, de criticar, fiscalizar, censurar e responsabilizar os actos de qualquer dos ministerios afim de os reprovar, corrigir, ou punir; e cada vez que o caso parece muito sério para auctorizar qualquer suspeita de abuso, que implica responsabilidade, cumpre considerar como dever imperioso da Camara mandar proceder a inquerito (7).

Por sua vez, em conjunctura provavelmente igual, Fox fazia esta observação: «é do dominio constitucional e do incontestavel dever da Camara vigiar sobre todos os ministerios, e sobre os actos do poder executivo e quando tiver motivo para suspeitar abuzos, a Camara tem o direito de instaurar inquerito para reprimir e punil-nos» (8). O sabio Burke, por seu turno, falava das *communis*: «E' seu privilegio intervir, ou ingerir por meio de conselhos e observações ácerca de qualquer acto do governo executivo sem alguma excepção» (9).

A nós nos parece escuzado accumular citações a respeito duma doutrina

corrente e accepta, não só pelos parlamentares, mas tambam pelos publicistas que discutem materias constitucionaes, quer em França, quer na Inglaterra, antes mesmo da convocação da Constituinte brasileira.

Não é com as idéas modernas que criticamos as opiniões que Antonio Carlos, com apparatuso entono, atirava aos echos da Camara de 1823. Confrontamol-as com as dos oradores e estadistas inglezes entusiasticamente preconizados pelo impetuoso orador paulista. Fica fóra de duvida que Antonio Carlos, invocando as praxes e as doutrinas constitucionaes dos publicistas, oradores e estadistas inglezes como as verdadeiras, não as seguia e defendia, ao contrario, combatia; professava outras diferentes e inteiramente oppostas. Seria por calculo para empecer a Camara de examinar os actos violentos e illegaes, as perseguições occasionadas pelas despoticas portarias no genero feróz do marquez de Pombal? Seria por ignorancia crassa da série de evoluções politicas, pelas quaes passou o regimen parlamentar até á epocha em que rageram e administraram o paiz os lords North, William Pitt, Fox, Castlereagh, Canning e outros estadistas, notabilissimos pela sabedoria nos conselhos da corôa, e pela magestade da palavra eloquente no concilio dos representantes da nação?

Investigaremos, noutro capitulo, — si Antonio Carlos teni, devéras, nitida comprehensão da theoria e das razões sociaes, politicas e historicas do desenvolvimento das doutrinas constitucionaes do regimen parlamentar inglez, quanto á divisão dos poderes e quanto ao papel que tem representado o poder legislativo, — que, á sua vontade, diz um publicista inglez, escolhe as pessôas que devem compor o executivo e serem investidas da auctoridade suprema e tratarem da administração dos negocios publicos em conformidade com as proprias opiniões (10).

O orador paulista, que na Constituinte violava os principios constitucionaes, a cada momento, isto é, as condições essenciaes que servem de base ás Constituições de qualquer das escolas, ou de qualquer fórma politica de governo, quando trata do principio da separação — parece que não conhece a divergencia das opiniões dos publicistas, legisladores, philosophos e estadistas a respeito da balança dos poderes, inventada pelo auctor do *Esprit des lois*. Parece, ainda, que ignora o mechanismo e o modo de funcionar do regimen constitucional da Inglaterra, — onde não funcçãoam separadamente os poderes, distinctos em esphêra de acção limitada. Ha um poder unico, soberano, sempre consti-

tuinte, sempre absoluto. Tudo isso se verifica como uma perenne realidade num paiz onde não ha Constituição decretada, escripta, mas onde as verdadeiras doutrinas constitucionaes dominam respeitadas e religiosamente observadas (11).

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Duvergier de Hauranne, *Hist du Gouv. Parl.*—Ade Veau Iaballe, *Hist. de la Rest. Conte de Carné, Etudes sur l'hist. du gouv. repres. en France*; Lamartine, *Hist. de la Rest.*; Viel—Castel, *Hist. de la Rest. etc.* Esse factó é discutido por innumerous historiadores e jornalistas e até por poetas, como V. Hugo, que se compraz em chamar —o grande Manoel !... Vid Cormenin—Timon— *Livro dos oradores.*

(2) Bagehot, *Const. of Engl.*

(3) Amos, *Engl. Const.*; lord John Russell, *Engl. Const.*; Bowijer, *Const. Law*; Freeman, *Gov. of Engl. Const.*

(4) Ashley, «Life of lord Palmerston», *Hist. of the whig Ministry by Roebuck.*

(5) Hallam, *Const. History*; Macaulay, *Hist.*; Foster, *Debates on the Grand Rem*; Gardiner, *Hist. of Engl.*; Montesquieu; Guizot, *Origenes du Gouv. Representatif*; Knight, *History of Engl.*, etc., etc.

(6) Remusat, *L'Angleterre au siècle XVIII.*

(7) Stanhope, *Life of Pitt*; Tonlin, *Life of Pitt*; Gurdon, *History of Parl.*; Parck, *Lectures on the Dogm of the Const.*; E. May, Macaulay, etc.

(8) Lord John Russel, *Life of Fox*; *Memorials of Fox*; E. May, etc.

(9) Rowland, *Engl. Const.*; Macaulay, *Hist.*; Gurdon, *History of Parl.*, etc.

(10) Bisset, *Commowwealth of Engl.*, vol. I.

(11) Lord Palmerston affirmou na tribuna que a Inglaterra não tinha Constituição escripta e que elle estava bem resolvido a recompensar com avultada somma a quem apresentasse um volume da Constituição; Bulwer, *Life of Palmerston.* Todos os publicistas, que se remontam á *Magna Carta*, mostrando como se desenvolveram os principios constitucionaes, todos, *una voce*, repetem que a Inglaterra nunca possuía um volume de Constituição, como teem os Estados-Unidos, França, Portugal, Italia, etc., etc.

PAGINAS ESQUECIDAS

A REPUTAÇÃO DO BRAZIL NA EUROPA E OS DIPLOMATAS

Na Europa, o Brazil é o Rio de Janeiro, e a febre amarella, que periodicamente dizima a população desta cidade, afugenta a immigração de todo o paiz. Dois meios tem o Governo á sua disposição para luctar contra esse descredito em que temos caído: sanear a capital do Imperio, e, emquanto o não consegue, provar que, por ora, felizmente, a febre amarella ainda não quiz visitar as provincias, sendo que em algumas dellas uão ha as condições materiaes necessarias para o desenvolvimento da molestia.

Convém dizer, em abono do criterio de quantos governos temos tido, desde que a febre amarella nos visitou pela primeira vez, que ainda nenhum pensou em fazer nem uma nem outra coisa.

O Rio de Janeiro continúa a ter cortiços immundos; um deploravel systema de esgotos; duas medidas que tinham sido postas em pratica, com excellentes resultados, em annos anteriores, fôram abandonadas este anno — a internação dos recém-chegados, e a suspensão dos trabalhos nas ruas que exigem o revolvimento do sólo; não se cuida de estabelecer hospitaes em que sejam isolados os doentes de molestias contagiosas e infecciosas; não se cuida de fiscalizar a alimentação publica; não ha fiscalisação nas pharmacias, de modo que a vida do doente depende muitas vezes da honestidade do pharmaceutico; a policia é insufficiente para o serviço que mais directamente lhe compete, e no entanto é á policia que incumbe parte do serviço hygienico; a Camara Municipal tem um pessoal recrutado exclusivamente entre agentes eleitoraes, e que é todo mudado de um momento para outro, conforme predomina na Camara um ou outro grupo de vereadores, e no entanto á Camara Municipal incumbe uma parte do serviço de hygiene.

E o resultado de tudo isto bem o sabe o Governo. Em todos os paizes da Europa, á excepção de uma ou outra pessoa que, pela sua illustração, ou pela posição que occupa, tem algumas noções do que váe pelo Brazil, a grande massa da população tem do Brazil umas idéas muito vagas, entre as quaes predominam as seguintes: o Brazil é um paiz immenso, e immensamente rico; tem a felicidade de possuir o monarcha mais sabio do mundo... e tem a febre amarella. Alguns eruditos accrescentam que no Rio de Janeiro andam serpentes pelas ruas, e que de vez em quando um tigre ou uma onça embarafusta por uma casa a dentro.

Ora, esta opinião é a que conhecem os que não cabem no velho mundo, e que olham para a America com a esperanza de melhorar de sorte.

Quanto aos governos estrangeiros, que pôdem favorecer ou impedir a emigração, facilitando a propaganda em favor do Brazil ou contraminando-a, é facil de ver quaes devem ser as suas disposições.

*

Ha poucos dias, esta folha publicou um documento official, firmado pelo honrado sr. de Bacourt, encarregado de negocios de França. Esse cavalleiro, no cumprimento de seu dever, informou o seu Governo que a febre amarella faz aqui estragos consideraveis, e que os melhoramentos estão por ora em promessa. A prova da isenção com que procede o digno diplomata, está na circumstancia de deixar elle bem claro no seu officio, que essa molestia reina unicamente no

Rio de Janeiro, mas que o Brazil continúa a ser um paiz habitavel. No entanto — veja o Governo — as informações prestadas nessa nota chegaram a uma instituição scientifica ampliadas por um relator, que aqui esteve ha quarenta e dois annos, e que entendeu revelar grande conhecimento das nossas coisas, dizendo que esta capital é hoje o que era nessa epocha.

As informações do sr. Bacourt são conhecidas; pôde-se suppor que as de seus collegas do corpo diplomatico não nos sejam mais favoraveis, se é que entre elles não ha algum mais acrimonioso, e que pinte o quadro de um modo mais sombrio.

O que poderão, por exemplo, dizer, em consciencia, aos seus governos, os representantes de Portugal e da Italia? Se algum delles já uma vez penetrou em um cortiço; se já viu num mesmo quarto tantos homens quantos pôdem materialmente caber nelle; se soube que elles ahi dormem fechando a unica porta por onde podia entrar ar e luz, e que o fazem com a roupa que trouxeram do trabalho; se viu que esse quarto é ligado a dezenas de outras uas mesmas condições, e que dão sobre um pateo immundo; se viu que elles compram generos deteriorados, e que não estão ao abrigo da falsificação de medicamentos quando adoecem; o que pôdem esses funcionarios, por espirito de patriotismo, por espirito de humanidade, em nome do seu dever de representantes dos seus governos, dizer a estes, senão que aqui nada se faz, a nada se attende para cultivar esta planta exotica — o colono — que é o nosso futuro e a nossa vida?

Ora, quando o representante da Italia manda dizer isto ao seu governo, a esse mesmo governo que foi ultimamente obrigado a falar asperamente ao nosso, em uma questão que entendia com os interesses particulares de um seu compatriota, questão que o nosso Governo ainda assim não decidiu; o que pôde razoavelmente fazer o governo italiano? Naturalmente o que já tem feito, antes de ter tanta razão: oppôr-se por todos os meios a que os italianos emigrem para o Brazil.

De que provém a emigração portugueza em tão larga escala para os Estados-Unidos, para as Antilhas, para a Australia? Pois no Brazil elles achariam a mesma lingua, a mesma religião, quasi os mesmos habitos, amigos, parentes, e preferem outras terras a que fallecem todas essas condições! Porque? Justamente porque conhecem a miudo as cartas tarjadas de preto, que os aterram e os fazem voltar os olhos para climas menos inhospitos.

E como se isto não bastasse, como

se não fôsse bastante a febre amarella, e mais que a febre amarella a inercia com que nos deixamos abater por ella, a ponto de esconder que o Brazil é realmente um paiz que promette ao imigrante um futuro risinho; como se não bastasse este descredito em que temos caído; ainda o Governo descursa as occasiões de mostrar que somos um paiz rico e grandemente productivo.

1883.

FERREIRA DE ARAUJO.

O ALMIRANTE (72)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XXV

— Coitado de Oscar! — observou o almirante Wandenkolk ao seu secretario quando chegaram ao salão — Como está escangalhado. Não pensei que fôsse tão grave o seu estado.

— E' um homem perdido — replicou outro official — Alli, sómente um milagre poderia salvá-lo.

— Milagre do amor — concluiu o almirante, num leve tom de ironia. — Aquelle será o meu destino — cazar *in extremis*. Mas é preciso salvá-lo; não é possível que morra estupidamente um homem daquelle valor, um dos nossos mais perfeitos officiaes, um camarada precioso. Então esses medicos não encontram remedio para um arranhão, quando gravissimos ferimentos recebidos em combate, aggravados pelas contingencias dos recursos das ambulancias nos acampamentos, se curam facilmente? E' horrivel!..

E a voz forte do robusto marinheiro lhe tremia commovida na garganta.

— Oh, Pedro — continuou elle, depois de pequena pausa, dirigindo-se a um moço official, enfeitado de cordões e agulhetas de ouro — lembra-me amanhã para mandar ao Deodoro o decreto de promoção de Oscar: é a derradeira prova de reconhecimento dos seus serviços. Não lhe aproveitará. Ao menos, ficará assim amparada aquella menina.

E dirigindo-se á marquezia, saudou-a com francas maneiras fidalgas, beijando-lhe a mão.

— Voltarei breve para felicitar vossa excellencia pelo restabelecimento do nosso Oscar.

— Assim espero — agradeceu a marquezia, sorrindo — Tenho fé inabalavel de nos encontrarmos todos muito satisfeitos, muito felizes. Até...; venha sempre, venha ver-nos muitas vezes. Sim?..

Os officiaes do sequito do almirante restituíram á casa a tristeza daquelles dias dolorosos de preocupação pela

saúde de Oscar. A propria marquezia, tão segura do seu prognostico optimista, sentiu-se dominada por essa fadiga consequente ás grandes aspirações realizadas, a fadiga da victoria, succedendo como um colapso ao ardor, aos excitantes da lucta. Ella acabava de lançar as bases de uma familia; surgia-lhe immediatamente o empenho de remover o obstaculo á saúde de Oscar, obstaculo superior ao seu prestigio, aos seus opulentos haveres. E a lucta se ia ferir, então, contra a fatalidade de que dependia o exito dos planos da ventura sonhada, libertando-a da desolação, do abandono da velhice.

A marquezia quedou-se longo tempo na attitude de meditação, engastada na macia poltrona de marroquim, o mento apoiado na dextra, os olhos fixados, immoveis, num vago sitio dos arabescos da alcativa sedosa que forrava o pequeno salão. O seu semblante marcado por uma dobra asimetrica entre as sobrancelhas, estava apparentemente calma; não transparecia nelle o tumulto de idéas que lhe borbulhavam no cerebro numa agitação confusa de esperanza, de incerteza.

D. Eugenia e Marianinha tinham restituído á Hortencia o seu traje de enfermeira, um vestido de linho branco e um avental de cambria alvissimo cercado por uma friza de pregas miudas. Estava a noiva transformada em esposa, occupando o sublime dever abnegado, velando com sollicitude angelica pela saúde do marido.

— Foi melhor assim — observou d. Eugenia — Cumpri o meu dever, regulando uma situação que não me parecia muito regular. Que queria dizer uma senhora, uma moça, tratando um homem, nessa intimidade forçada pelos cuidados ao enfermo? Agóra, sim. Estão casados; tudo se explica; será tudo muito direito. Não achas que fiz muito bem?

Marianinha não respondeu, percebendo que a amiga procurava para calmar a consciencia um apoio, a cumplicidade dos amigos.

— Não me importa — continuou ella — que me censurem, que digam mal de mim: o que está feito, está feito; não me arrependo... Além disto, eu não procedi por iniciativa minha: concordei com o padre Paulo, que não me aconselharia actos menos conformes á moral e á religião; com a marquezia que é senhora de muito juizo; com o Antonino; com Hortencia, emfim, pois bem sabes que lhe não botei faca aos peitos para obrigá-la a despozar Oscar. Deus me livre! Eu seria incapaz de semelhante violencia, ficasse embóra as minhas filhas solteira toda a vida.

Repisando as demonstrações da sua isenção de animo dentro dos

restrictos limites do papel de mãe de familia, d. Eugenia foi se afastando com Marianninha para o patamar da escada, não percebendo a marquezia, absorta em profundo scismar, no sitio obscuro onde a sua figura mal se destacava como sombra immovel, descendo sempre a conversar, para jantarem no palacio, cujas luzes já ponteavam rutilas a espessura negra na folhagem.

A luz tristonha da lampada velada por um abrigo verde, dava tons vagos, indecisos ao ambiente da bibliotheca silenciosa. Hortencia contemplava com dolorido olhar o rosto pallido do enfermo, pouzava-lhe, a espaços, a mão na fronte suavemente, tacteando-lhe a temperatura. Ao contacto tímido daquelle mão macia, elle entreabria os olhos fatigados, fitava-os nella um momento, num esforço para sorrir e desfallecia vencido por mortal prostração. Nesses momentos de calma, em que Oscar parecia dormir serenamente, ella succumbia insensivelmente ao torpor da continua tensão dolorosa, do grande esforço imposto pela estranha situação que a empolgára. A ella, se afigurava que o casamento, com as suas formalidades solemnes, fôra um acto sem alcance, quasi comico, um incidente sem consequencias, cuja impressão passára fugaz como a de um sonho absurdo, monstruoso, interrompendo rapido a visão da realidade atroz, o espectáculo do amigo, entre a vida e a morte, lembrando-lhe com o vago olhar o dever de salvá-lo, de restituir-lhe a saúde arriscada por uma imprudencia infantil. Não lhe occorriam, então, as consequencias do restabelecimento de Oscar, o immenso, o irreparavel sacrificio do seu coração, da sua liberdade, comprometidos num lance de inconsiderada abnegação. O outro, o eleito de sua alma, comprehenderia a grandeza desse sublime desprendimento, dessa gratidão incomparavel. Amal-a-ía por isso mesmo, com mais intenso affecto; amal-a-ía como creatura superior, mulher forte, capaz de todos os heroismos, digna de um culto..

(Continúa)

ACADEMIA BRAZILEIRA

Segundo uma praxe vulgar da imprensa, transcrevemos para estas columnas, como um dever elementar de cortezia agradecida, o que ainda se escreveu a proposito de ter o nosso director desistido de concorrer á vaga na Academia pela morte de Pedro Rabello.

Do *Progressista*, de Carangola, Minas, num. 268, anno VI:

«O dr. Domingos Olympio, dil-o o numero 65 dos *Annaes*, não concorrerá á cadeira vaga na Academia Brasileira, «por ter eliminado a im-

mortalidade do quadro das suas aspirações.»

O facto requer algumas ligeiras considerações.

Quando o dr. Domingos Olympio se apresentou candidato á cadeira *Foquim Serra*, vaga por morte de José do Patrocínio, todo o mundo de bom senso julgava fóra de duvida a sua eleição.

Tratava-se de um escriptor de raça, cuja recepção no seio da selecta agremiação só poderia concorrer para maior brilho della.

A derrota do eminente litterato, cujos longos serviços ás lettras brazileiras ninguem tem o direito de ignorar, era, pois, uma hypothese gratuita, inaceitavel.

Mas não é a primeira vez, nem será a ultima, que aqui por estas terras se acceitam coisas inaceitaveis. O caso é que o consagrado chronista não conseguiu victoria.

Actualmente ha, porém, outra cadeira vaga. O romancista cearense declara que não é candidato. Mas a Academia não tem que cogitar disso.

Não tem que indagar si o dr. Domingos Olympio é o causticante e castiço jornalista cuja reputação, ao contrario de outras que se improvisam e se *immortalizam*, tem sido consolidada por uma série de brilhantissimos trabalhos; si é o fino estylista do *Almirante* ou o honesto e magico payzagista de *Luzia-Homem*; si é o correctissimo escriptor que se soube collocar a uma altura onde o não vão alcançar as critiquices zambras, torpissimas na avidéz de exhibição que as caracteriza.

Não. A Academia de Lettras nada tem que ver com isso. A questão está hoje posta noutra terreno.

Primeiro, era o cumprimento de um dever: foi esquecido. Agóra, trata-se do bom nome dessa instituição. Este, foi violentamente combatido pelo estupendo resultado da ultima eleição. Está vacillante.

Todos teem o direito de suppor que a Academia Brazileira queira readquirir o prestigio que tão desastrosamente perdeu.

E o unico meio para recuperal-o, é eleger o dr. Domingos Olympio. — *Heitor Lima.*»

XADREZ

O XADREZ EM S. PAULO

Scindiu-se o Club de Xadrez de S. Paulo em duas partes quasi eguaes. O elemento dissidente, de que fazem parte Melillo, Dimitri, Souza Campos Junior e Macedo Soares, fundou um outro club com o titulo de Club Internacional de Xadrez, cujos estatutos já fôram approvados. O novo club estabeleceu a admissão de socios de ambos os sexos e resolveu publicar uma revista,

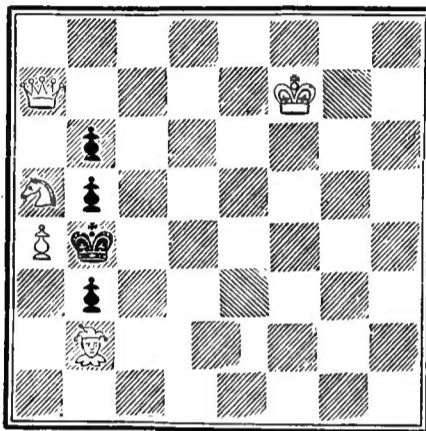
que será distribuida gratuitamente entre os socios; nomeou uma commissão incumbida especialmente da propaganda do xadrez: váe crear aulas de xadrez e premios para os socios que durante o anno ganharem maior numero de partidas bem como para os vencedores de torneios e *matches*.

Lamentamos essa scisão que vem enfraquecer o forte nucleo que era o Club de Xadrez de S. Paulo, e fazemos um appello a um e outro grupo para que se reconciliem e novamente congreguem os seus esforços.

PROBLEMA N. 39

A. Fraissé

PRETAS (4)



BRANCAS (5)

Maté em dois lances

PARTIDA N. 41

(Jogada pelo telegrapho em 1905)

DEFEZA PETROFF

Branças	Pretas
(Dr. B. Lasker)	(Philips)
P 4 R	— 1 — P 4 R
C 3 B R	— 2 — C 3 B R
C X P	— 3 — P 3 D
C 3 B R	— 4 — C X P
P 4 D	— 5 — P 4 D
B 3 D	— 6 — B 2 R
Roque	— 7 — Roque (a)
T 1 R	— 8 — C 3 B R (b)
B 5 C R (c)	— 9 — C 3 B D
P 3 B D	— 10 — B 5 C R
CD 2 D	— 11 — C 4 T R (d)
B X B	— 12 — C X B
B X P! (e)	— 13 — R 1 T (f)
B 3 D	— 14 — C 5 B R
B 1 B R	— 15 — P 3 B R (g)
P 3 C R	— 16 — C 4 T R (h)
P 3 T R	— 17 — B X C
C X B	— 18 — P 3 C R
C 4 T R	— 19 — R 2 C
D 4 C R (i)	— 20 — R 1 C
T X C	— 21 — D X T
D X P x	— 22 — C 2 C R
B 3 D!	— 23 — P 4 B R
C X P	— 24 — T X C
B X T	— 25 — D 2 B R
D 7 T R x	— 26 — R 1 B
B 6 C R	— 27 — D 1 C R
D X D x	— 28 — R X D
T 1 R	— 29 — R 1 B
P 4 T R	— 30 — abandonam

(a) Prematuro. 7... C 3 B D ou B 5 C R seria melhor.

(b) Não teem coisa melhor.

(c) Ou 9 — B 4 B R, sendo intenção evidente das Brancas continuar por P 3 B D e D 2 B D.

(d) Isto custa um pião, o que poderiam evitar jogando 11—B X C seguido de C 1 R.

(e) Está claro que lances taes não pôdem passar despercebidos ao dr. B. Lasker (O campeão do mundo é o dr. E. Lasker. — *N. da R.*)

(f) Teriamos preferido 13... R X B; 14—C 5 C R x, R 1 C; 15—D X B, C 3 B R, porque o B D ficando no taboleiro, o ataque é mais forte.

(g) Enfraquecendo cada vez mais o lado

do Rei. Preferivel seria 15 — C (2 R) 3 C R e si 16 — P 3 C R, havia probabilidades de um contra-ataque por C 6 T R x.

(h) Si	— 16 — C 6 T R x
B X C	— 17 — B X B
C 5 C R	— 18 — B 4 B R
C 6 R	— 19 — B X C
T X B	— 20 — D 2 D
D 5 T R	— 21 — R 1 C
T D 1 R	— 22 — T D 1 R
D 2 R	— 23 —

com um bom ataque.

(i) Ameaçando 21 — T X C x, seguido de C 5 B R x.

(Notas de B. Lasker e Hoffer.)

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 38 (R. St. — G. Burke): D 6 C R.

JOSÉ GETULIO.

D'AQUI E D'ALLI

— *As Religiões no Rio*, de João do Rio (Paulo Barreto); edição da casa Garnier.

Já a respeito desse livro excellente, de que hoje escreve o nosso collaborador Nunes Vidal, falon o sr. Walfrido Ribeiro, num. 16, anno II, dos *Annaes*.

Aqui está um trecho:

«Considerou-se, num formilhar d'applausos, o que esse livro assume de originalidade, de inédito na pesquisa, e de simples scintillante na factura. E, como quiz, sem excesso, sem immodestia, a modestia do prefacio, em que a graça tem requintes, convi-eram em que se tratava méramente de um trabalho — extraordinario — de reportagem. E não ha duvida. Bem foi uma reportagem — que remexeu, com solicitude e ancia, antros e templos, salas claras de fé e escuridões temerosas de feitiçarias... Mas o Brazil, onde, não raro, a imprensa, sem falar na columna *leader*, se estira e desanima no réles das *partes* policiaes, e se faz repartição publica em que os funcionarios gozam e amolléem na preguiça cynica do trabalho da *cosinha*, sem mais ambição que a do *vale*, sem mais gloria que a do salário — isso, vinha eu a pensar, que João do Rio commetteu, com um estranho escandalo de brilho e um violento irradiar de popularidade, é, com effeito, mais que reportagem, e não é, emfim, menos que um surpreendente esforço de observação, de raciocinado estudo, esvahido de paciencias intrepidas, illucidantes, tendo como dever o zelo da verdade e, como prestigio, a tessitura resplandecente do estylo. A's revelações, quasi inverosimeis, por vezes febricitantes, não faltou o documento, a precisão — a rua, o numero da casa, o nome dos chefes, dos papas, dos doutores... E tudo isso, que podia parecer uma *phantasia*, um mesmo embuste, um mesmo encanto, alojados na imaginação, na desconfiança do povo, desencantou-se, affirmou a realidade. Não é, de resto, sómente um livro de reportagem esculpida na ancia, na cuscuvilhice inconsiderada do *reporter*. E', demais disso, um livro de litteratura exacta, estou a dizer opulenta pelo maravilhoso de emoções que recólta, de imprevisitos extasiados, de qualidades em que colligam excellencias de primor numa obra que á ficção preferiu o facto, e ao facto entalhou suggestões persuasivas, ornamentaes de fórmula. E, para lançar o raro bello nessas trezentas paginas em que o escandalo galga a curiosidade afflictiva de referir, sem espancar crenças, sem aggre-dir superstições, umas coisas inconcebiveis, não precisou o mais elegante dos nossos jornalistas mundanos de entornar uma série de philosophias... Apenas, vindo a orientar e levar o leitor ao entendimento das complicações religiosas que alastrou, deu, aqui e allí, as origens, os fundamentos, a meia historia das seitas, dos ritos, das tragedias e comedias através dos quaes o mais ou menos sobrenatural fluctúa e fascina.»